



O Salto

O JORNAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

LE JOURNAL DES TRAVAILLEURS PORTUGAIS IMMIGRÉS • B. P. 95 - PARIS 11 • C. C. P. «O SALTO» 56 2685 PARIS • MENSAL - 0,8 DM; 0,8 FL; 10 FB; 1F

A. N. P. F. A ASSOCIAÇÃO DO BANCO E UM BENFICA-SPORTING

No passado dia 12 de Abril, realizou-se um encontro de futebol entre o Benfica e o Sporting.

Este encontro é organizado pela A.N.P.F., associação fascista do Banco Franco-Portugaise d'Outre-Mer.

Os organizadores dizem que os lucros do jogo serão empregues na construção de uma sede para aquela associação. Ora, a associação do Banco já tem uma sede: a do próprio Banco.

O que se passa, é que essa sede é muito incómoda para quem quer enganar os trabalhadores, porque estes logo lhe chamaram pelo seu verdadeiro nome: "A Associação do Banco".

Os próprios empregados do Franco-Portugaise o reconheceram. Referindo-se à actual sede da associação, disseram eles no "Correio Português" de Abril do ano passado:

"... criou no espírito de muitos compatriotas uma ideia falsa do que era a associação de todos nós". E mais adiante:

"Muitos compatriotas se recusam a fazer parte da associação, por ter a sua sede no Banco, sabemos que temos sido acusados por continuarmos a manter uma associação de trabalhadores nas instalações dum Banco."

Mas, dizemos nós: Será que esses burgueses julgam que nos comem por parvos? Eles bem podem mudar de sede, que a associação continuará a ser a mesma, a "Associação do Banco" ao serviço da exploração dos trabalhadores.

Não é o hábito que faz o omge.

Mas voltemos ao jogo de futebol.

O Benfica e o Sporting, assim como o Porto, o Belenenses e outros clubes, são grandes empresas capitalistas, que se podem comparar à CUF, à Lisnave, etc... isto é, mais uns tantos instru-

mentos de exploração dos trabalhadores portugueses, cuja mercadoria é o futebol. Os presidentes desses clubes, como não podia deixar de ser, são também grandes capitalistas que vivem da exploração dos trabalhadores portugueses. Apontemos como exemplo, os Vieiras de Brito e o Pinto de Magalhães. Os primeiros, donos do Benfica, proprietários das plantações de café no Norte de Angola, vivem pois da exploração dos trabalhadores africanos. O Maurício Vieira de Brito, por exemplo, já não pode voltar a Angola, porque nas suas plantações de café escravizava os trabalhadores angolanos e se lá volta, o Povo Angolano dar-lhe-há o castigo que ele merece. O segundo é o dono do Futebol Clube do Porto ao mesmo tempo que é dono do "Banco Pinto de Magalhães", outro instrumento de exploração dos trabalhadores.

Para esses tipos, o único interesse, ao organizarem este jogo, não é só o dinheiro, o imenso dinheiro que irão amealhar.

Este Benfica-Sporting é mais uma tentativa para convencer os milhares de trabalhadores emigrados, de que o governo português ainda se interessa por eles. Em vão, tentam assim esconder que é por causa da guerra colonial e da feroz exploração de que fomos vítimas, nas fábricas e nos campos, que tivemos de abandonar Portugal.

Mas já nada os poderá salvar!

Cada vez mais, um maior número de trabalhadores compreende as verdadeiras razões da emigração: a exploração, que conduz à fome, à miséria e, evidentemente, à revolta.

É também esta a razão que levou os Povos de Angola, Guiné e Moçambique a lutarem contra o feroz colonialismo, para em breve, alcançarem a vitória.

Póvoa do Varzim



Fotografia de Jacques Vilet

AS PEIXEIRAS EM LUTA

Em Janeiro deste ano foi inaugurada, na Póvoa do Varzim, uma nova praça de peixe. Na mesma altura, o governo de M. Caetano, proíbe a venda de peixe de porta em porta e proíbe também as peixeiras de poderem arrematar peixe na mesma praça. Claro, que o governo não o fez por acaso. Fê-lo, porque as grandes empresas piscatórias como a do Sr. Tenreiro, querem aumentar os seus lucros, e isso, evidentemente, à custa das peixeiras. Tudo isto tem como resultado que as peixeiras perdem o seu único modo de vida. Como é que elas vão fazer para sobreviverem? Claro que elas podiam fazer como outros já fizeram, isto é, emigrarem, irem trabalhar para

fábricas ou até, irem em delegação ao Presidente da Câmara mendigarem os seus direitos. Mas as peixeiras da Póvoa souberam fazer outra maneira, e no dia 7 de Janeiro fizeram uma manifestação violenta, atacando-se às novas instalações e fazendo bastantes estragos nas mesmas. Claro que os representantes do governo mandaram vir a polícia para tentar dispersar as peixeiras e para prender algumas das manifestantes. Ainda não sabemos qual foi o resultado desta luta, mas as peixeiras da Póvoa provaram que são capazes de lutar pelos seus direitos.

Nortenho

neste número

SUPLEMENTO

DEDICADO AO 1º DE MAIO

REPORTAGEM NO LUXEMBURGO as negociatas do Consulado

Estivemos no Luxemburgo. Aqui vivem cerca de 11.000 emigrantes portugueses. A sua grande maioria trabalha na construção, outros trabalham na ARBED (a grande empresa exploradora de ferro do Luxemburgo, empresa formada à base de capitais alemães), outros procuram... procuram trabalho.

Mas, inevitavelmente, esses 11 mil trabalhadores portugueses, nossos companheiros de emigração, não podiam ser desamparados pelas autoridades portuguesas, porque nós, emigrantes, somos uma das melhores negociatas para o governo fascista português. Assim, a par de todos os jornalecos financiados pelos bancos e grandes empresas (TAP, por exem-

plo), "Jornal Português", "Correio Português", "Portugal Popular" e "O Emigrante", aparece o Consulado que não fica nada atrás aos outros consulados (o de Paris, que é o mais conhecido) na exploração e roubo diário aos emigrantes.

Mas, contemos aos nossos leitores o que a equipa de "O Salto" que se deslocou ao Luxemburgo, viu e ouviu.

Todas as pessoas que ouvimos, nos contaram coisas sobre o Consulado que daria para preencher mais do que um número do jornal.

Pertanto este é o primeiro artigo sobre o Luxemburgo e o Consulado Português.

(Continua na pag.5)

BDIC

CORREIO DO LEITOR

A luta entre a passividade e a acção

Caros amigos da redacção de "O Salto", gostava que me dessem resposta a este meu problema, caso achem conveniente, caso contrário, eu não ficarei zangado e continuarei a comprar-vos o jornal e a ser vosso simpaticante.

Ora o caso é o seguinte: Estou aqui há quatro anos, e sei o que eu tinha de reaccionário, antes de vir para a França; talvez, não por minha culpa. Mas, hoje, creio que sou honesto para com a família e companheiros de trabalho. Minha mulher, sei que gosta da minha nova maneira de ser. Isto porque eu falo com toda a gente, dizendo, entre outras coisas, aos meus companheiros de trabalho que nos temos que ganhar confiança uns nos outros, preocupar-nos com os nossos interesses, criar a nossa unidade, etc.

A minha mulher diz que qualquer dia, terei problemas, que não há nada a fazer e que só nos prejudicamos; diz ainda que tantos se têm sacrificado em benefício de outros que não o merecem; que nada fazem pelo progresso e antes pelo contrário, ainda espalham o egoísmo entre os nossos companheiros que lá estão em baixo. Quando vão lá, levam belos automóveis, camisinhas de renda e calças de boca de sino, mini-saias, etc. Já "nem conhecem" antigos companheiros de trabalho e antigos amigos, e alguns destes mais mal alojados e mal alimentados dos que estão lá em baixo.

Devo eu continuar a pensar assim, ou tem a minha mulher razão?

Cardoso

A redacção de "O Salto" achou esta carta dum leitor, tão simples e tão significativa que resolveu publica-la integralmente, e passa a dar a resposta que ele nos pede:

É claro que não é você que tem a culpa de ter sido reaccionário, pois a culpa é inteiramente dos fascistas que desde há umas boas dezenas de anos têm o nosso país mergulhado na escuridão mais completa.

Amigo, fizeste bem em mudar de maneira de viver, não só, porque tens a estima da tua mulher e amigos, como também, porque influências as pessoas que te estão próximas, e inclusivamente a tua mulher, e não desistas de tentar convencer a tua mulher das tuas ideias, porque nesse caso és tu que tens razão. E que a tua mulher não se esqueça que os sacrifícios daqueles que caíram nas garras dos tiranos, não foram inúteis, porque se tu mudaste de ideias, foi graças graças a eles que lutaram para as comunicar de geração em geração. O que é preciso é transformar essa gente, que gosta de fazer vistas de ricos. E para os transformar é preciso saber porque é que eles são assim. Isto é, saber que eles são assim porque desde a escola lhes metem na cabeça ideias erradas, deformando a realidade, com o objectivo de servir os interesses dos exploradores.

A redacção de "O Salto" acha que tens razão em teres mudado de maneira de pensar e que deves explicar à tua mulher as tuas ideias.

Carta aberta

Tu, camarada emigrante, iludido ou desiludido mas cheio de coragem e espírito de luta! Coragem e vontade de vencer sim! Sabes porquê? Porque de facto é necessário ter coragem para abandonar o teu país (bem certo é que eu também o fiz), a tua casa, a tua família, os teus hábitos e costumes, para procurares a sobrevivência noutra parte, onde tu não conheces nada de nada (as razões que te obrigaram a fazê-lo, já é do conhecimento geral: a miséria, a opressão, a exploração a que tu estavas sujeito; mas não penses que tu, aqui, também não és explorado). Ora bem, tu vieste, então, tentar a tua sorte, para melhorares a tua vida, tanto monetária como socialmente, mas (e há sempre um mas) para que possas vencer, terás muito que aprender. Terás que:

1º Saber como és engajado nos diversos trabalhos; condições sociais, tentares formar-te, tanto profissional como intelectualmente; falares a língua desse país; conheceres os seus hábitos e costumes; não te afundares na lama da escravatura; lutar para sair dessa lama.

2º Entender o fazer-te entender pelos povos dos países para onde emigraste, de modo a que nasça um conhecimento e uma compreensão mútua, e assim, deixes de ser considerado indesejável, o que não é justo nem normal, e só serve aos exploradores.

3º Talvez não caia no seio de muita gente o que vou dizer, mas é verdade: até tu, se pensares em ser rico, farás outro mais pobre e é por isso que a tua coragem, aliada à tua ambição de enriquecer, de nada nos serve; é por isso que eu comecei com esta conversa — educa-te, cultiva-te que é só dessa maneira que podes vencer. Terás que saber como deves marchar neste país, nunca te humilhando, nem te deixando humilhar, nem escravizar. Por isso, associa-te a outros como tu contribui assim para a obra comum.

Por hoje é tudo.
Com um abraço,

José de Brie

MAIS UM COLABORADOR

Caros Camaradas

Acuso a recepção de dois jornais do 1º número "O Salto", os quais me foram enviados por um amigo residente aí em Paris.

Confesso que tudo quanto o Salto insere me agradou plenamente e bem assim a alguns amigos que dele tiveram conhecimento por meu intermédio. Eu e eles faremos tudo o que estiver ao nosso alcance a fim de que "O Salto" tenha uma existência infinita e que ele seja sempre servido por homens honestos para que os outros homens possam acreditar neles.

Junto a esta, envio a importância de 5 Fr. para que me sejam enviados 5 exemplares do nº 2, dentro da brevidade possível.

Seguidamente vou transcrever umas quadras que intitulei "A União Faz a Força" e que podem publicar no número a sair, se assim julgarem conveniente.

Camaradas por hoje é tudo.
Um abraço e até breve.

Zé Dogeito

O poema enviado por este leitor vem publicado na secção "Cultura Popular".

RELIGIÃO OU CAPITALISMO

Há dias estive com uma pessoa já idosa com a qual tive uma conversa, que me despertou e fez escrever estas letras que envio ao jornal "O Salto".

É um assunto que toca a todas as pessoas ferranhas à igreja, mas que escrevo sem a intenção de as ofender.

Como sabem o nosso país é talvez um dos mais religiosos da Europa e também um dos mais atrasados.

Está provado que quanto mais religiosos são os países mais miséria existe.

mes que se servem dos padres e estes do nome de Deus para melhor nos explorarem.

Enquanto nos caminharmos para a igreja pedir dias melhores, andam eles em bons jantares, passeios, a meter o nosso suor nos cofres e a estudar a maneira de nos explorarem melhor cada dia mais.

É preciso que todos vejamos com olhos de ver, que são horas de deixarmos o nome de Deus em paz. Que os sacrifícios que fazemos nas fábricas, oficinas, campos, etc., não nos vão tirar os pecados que

CASAMENTO COM COMUNHÃO DE BENS



trincas

Em Portugal as regiões mais ferranhas à igreja são as mais miseráveis. Só quem não conhece certas regiões do país não estará de acordo comigo.

Os povos dessas regiões estão tão enraizados com a igreja que obedecem a todas as lérias dos padres, não fazem nada sem primeiro se aconselharem com esses que dizem serem os representantes da lei de Deus mas que no fundo não são. São sim representantes da burguesia exploradora.

Obedecem porque foram criados naquele ambiente em que nunca ninguém fez nada para modificar mas que é preciso fazer. Desde pequenos começam a frequentar as igrejas, a ouvir os sermões da padralhice que têm sempre o mesmo fim.

A vida tem muitos espinhos, dizem eles, para vencermos na vida temos que lutar muito, fazer muitos sacrifícios, irmos muitas vezes à igreja rezar, pedir a Deus dias melhores. Que Deus não dorme, que o nosso dia chegará se o merecermos. É mais ou menos deste género o paleio dos tipos.

Pois bem, amigos, quem é Deus afinal? É ele o nosso explorador? É ele que nos faz trabalhar noite e dia e não termos o suficiente para fazermos uma vida digna dum ser humano.

Eu creio que não. Certamente não é Deus que nos suga o sangue que nos rouba o pão, a paz e liberdade.

São sim os burgueses, esses ver-

temos com Deus, mas sim encheram ainda mais os cofres dos nossos patrões exploradores.

São portanto horas de em vez de ir à igreja pedir a Deus dias melhores, dirigirmo-nos aos patrões e exigirmos aquilo que nos pertence e que eles nos roubam PÃO, PAZ e LIBERDADE. Palmeira

CARTA DA ALEMANHA

Camaradas,

Tive conhecimento por um amigo, do nascimento, de "O Salto", do qual possui já o primeiro número. Juntamente com o "Novo Rumo" (Amsterdã) é o jornal dos emigrantes portugueses onde já vi tratados com maior veracidade os problemas da emigração portuguesa e também os problemas nacionais, que a todos nos interessam. E mais, é um jornal que defende os interesses dos trabalhadores e que é (e deve ser), feito pelos trabalhadores.

Estou na Alemanha a estudar, tendo dado "o salto" de Portugal para fugir ao serviço militar, pois me oponho terminantemente a oprimir e a matar os meus irmãos africanos, que afinal lutam contra os gordos capitalistas (portugueses e doutras nacionalidades) que são os mesmos que exploram a classe operária portuguesa e que reprimem os interesses dos estudantes nas escolas e nas universidades.

Por estas razões quero assinar "O Salto" a partir do 1º número inclusivé (ou pelo menos do nº2). A minha morada e o meu nome estão escritos ao alto, à esquerda. Agradecia que me enviassem para aqui os jornais e me dissessem como poderei eu efectuar-vos o pagamento.

Saudações calorosas.

ESCREVE PARA

O Salto

BP.95 PARIS XI

POR CADA ASSINANTE
2 NOVOS ASSINANTES

"O Salto" não tem subsídios dos bancos.

"O Salto" é um jornal de trabalhadores e para trabalhadores.

"O Salto", para sobreviver, precisa da tua ajuda activa. Faz 2

amigos teus serem assinantes de "O Salto".

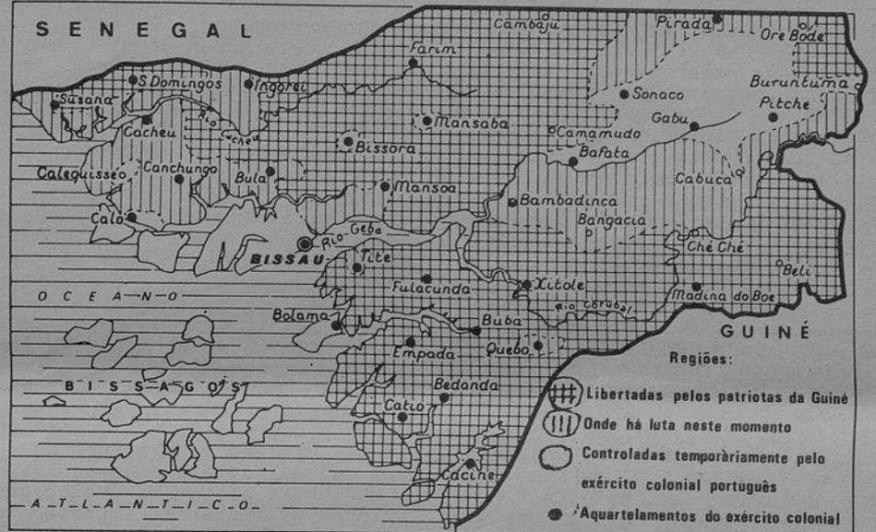
Cada assinatura de 12 números, correio incluído, 10 Fr.

Enviar um vale de 10 F para a C.C.P. 56 26 85 Paris

guerra colonial

MESA REDONDA SOBRE A LUTA NA GUINÉ

COM
CABOVERDIANOS, DESERTORES,
O SALTO, NOVO RUMO,
ASS. RESISTÊNCIA E TRABALHO



O nosso jornal, em colaboração com o "Novo Rumo" realizou, recentemente, na Associação "Resistência e Trabalho" uma mesa redonda com alguns caboverdianos, três desertores provenientes da Guiné e alguns colaboradores da Associação. O tema da discussão foi o problema colonial e em particular, a guerra na Guiné. Interveio também, um colaborador da Associação e do Salto.

O massacre em Pigiguiti

O Salto — Quando e onde começou a luta armada na Guiné?

Caboverdiano — Foi quando, não sei se sabem, na Pigiguiti houve uma manifestação de trabalhadores que achavam estar mal pagos e exigiram ao governo português um melhor pagamento. O governo respondeu-lhes "à bala", com metralhadoras. Nem sequer mandaram chamar a polícia para "manter a ordem", se de facto eles achassem que aquilo era de manter a ordem. Mandaram soldados armados de metralhadoras e nesse mesmo dia, caíram mais de 50 patriotas nossos, assassinados pelas balas portuguesas. Nesse dia estavam lá indivíduos que hoje estão na Direcção do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) e que viram que o massacre não estava certo, que aquilo era uma coisa inconcebível, desumana, e chamaram todos os camaradas a tomarem uma decisão sobre o assunto. A decisão tomada, após várias reuniões, foi de chamar a atenção do governo português, que respondeu armando-se mais. Claro que não houve outra solução senão a de "arma para arma". Foi então que começou a luta armada na Guiné.

O S. — Qual foi, mais precisamente, a data em que começou a dita insurreição?

Cv. — A 13 de 1959 foi o massacre de Pigiguiti. A partir dessa data começou a organizar-se o exército de libertação. A luta armada foi desencadeada em 1963. O PAIGC existe desde 1956, mas encontrava-se em preparação e a formar quadros. Em 1959, face à resposta que o governo português deu às exigências dos trabalhadores em Pigiguiti, resolveu dar um salto na organização da luta. Quer dizer, quando se pensava negociar com o governo português, os patriotas da Guiné e Cabo Verde começaram a verificar que era difícil dialogar com esse governo, e começaram, então, a organizar um exército para a libertação. Entretanto fizeram-se mais tentativas para negociar mas a resposta foi sempre intensificar a ida de militares para a Guiné e Cabo Verde e a repetida intensificação da repressão. Daí que, em 1963, resolveu-se pegar em armas na Guiné.

Uma voz — A partir daí a luta não parou mais...

Outra voz — ... e a tomar proporções cada vez maiores.

As regiões libertadas

O S. — Fala-se muitas vezes em regiões libertadas. O que há ao certo sobre isto?

Cv. — Nós consideramos regiões libertadas as regiões que já não se encontram sob o controle das autoridades portuguesas. Chamamos "região sob o controle da autoridade portuguesa" àquela região onde a população ainda reage em função das ordens dadas pelo chefe de posto. Para nós, regiões libertadas são as completamente controladas pelo PAIGC.

O S. — Abrangem que parte do território da Guiné?

Cv. — A parte sul quase toda. O que o governo português ainda controla é Bissau, as ilhas de Chaco e ao Norte.

O S. — E a fronteira com o Senegal?



Os patriotas da Guiné defendem as regiões libertadas, contra o agressor colonialista português.

A Morte dum Revolucionário « SAMUIMBILA »

O Major David Chingunji "Samuimbila" morreu no dia 18 de Julho em 1970 numa violenta batalha contra as forças colonialistas portuguesas em Kavimbi. Samuimbila era Secretário da UNITA para Treino e Programa das Forças Armadas (FALA), e anteriormente a este cargo, era Secretário da UNITA para Segurança e Questões Internas. Era também membro do Bureau Político e membro do Alto Comando das Forças Armadas para a Libertação de Angola (FALA).

Nasceu em Nova-Sintra (Bié) no dia 23 de Junho de 1947, foi um dos fundadores da UNITA em 1966. Em 1965 mobilizou e organizou as massas populares na província do Moxico. O povo que o conheceu, estimou-o profundamente, chamando-o "SAMUIMBILA", que quer dizer "o homem que une o povo cantando

cantigas revolucionárias".

Como combatente e tático de primeira classe e como comandante ele não temia nenhum perigo nem nenhum sacrifício. Em 1966, como capitão, numa situação desesperada devido à falta de armas, organizou os seus homens para atacar de surpresa um posto da polícia em Lukulwe. Este temerário revolucionário deu provas de heroísmo sem precedência na história da UNITA, trazendo para as forças da UNITA as primeiras armas da NATO capturadas aos soldados portugueses.

Como membro do Comité Central e do Bureau Político da UNITA apareceu em Maio de 1966 para fazer parte do Comité para a Descolonização, das Nações Unidas, em Lusaka, na Zâmbia. Era, então, o mais jovem representante no Comi-

Cv. — Três quartas partes. Eu recebo sempre notícias dos meus patriotas que lá na Guiné estão em luta. Tenho cartas onde dizem "nós não esperavamos que o governo português fosse tão mau para o seu povo. Vendo a situação que a tropa portuguesa está a atravessar aqui na Guiné, nós consideramos os portugueses perdidos e eles continuam a insistir numa guerra que eles sabem que vão perder." Ora isso, consideramos um assassinato do governo português em relação ao seu próprio povo.

Outra voz — Tem sido dificultada a luta do PAIGC no aspecto financeiro e organizativo? Isto é, uma vez as zonas libertadas impõe-se que haja outra forma de organização e desenvolvimento económico. Tem tido o PAIGC grandes dificuldades com isso ou acham que isso tem acompanhado tem a luta?

Cv. — Eu acho que tem acompanhado bem a luta armada. Nós podemos provar isso não só por membros do PAIGC mas também por jornalistas estrangeiros que consideram a Guiné libertada, mesmo em luta, um dos países africanos mais bem organizados.

Outra resp. — Está a formar-se uma sociedade completamente diferente da anterior. Sob o aspecto económico, social ou de consciencialização política pode-se dizer que se fez uma revolução em grande. Isso não é apenas propaganda dos militantes do PAIGC, mas os jornalistas estrangeiros que têm visitado essas regiões têm constatado isso, sempre que escrevem.

Outra resp. — Um facto concreto é a parte linguística. Presentemente sabe-se que um guineense da tribo de Balanta, e outro de Fula já podem entender-se falando uma língua comum que é o crioulo, idêntico ao crioulo da Praia (Cabo Verde). Isto mostra o desenvolvimento na parte social, em que havia uma certa necessidade de se sentirem unidos não só pela luta comum, mas

(Continua na pág. 6)

té das Nações Unidas.

Em Dezembro de 1968, foi promovido ao cargo de Major, o mais alto cargo na UNITA, e desde então conduziu a famosa unidade "Pantera Negra" que recentemente destruiu 6 veículos militares e pôs muitos soldados colonialistas fora de acção.

O Comandante Samuimbila morreu mas os seus gloriosos feitos viverão. Os nossos corações estão quebrados, contudo juramos a nossa total dedicação à luta armada para a Independência Total de Angola, uma causa para a qual o nosso querido irmão e camarada de armas tão hercicamente deu a sua vida.

(Reproduzido dum comunicado oficial da U.N.I.T.A.)

A EMIGRAÇÃO

O nosso jornal vai publicar uma série de artigos acerca da emigração.

Este assunto parece-nos de grande importância, pois sendo os leitores de "O Salto" na sua quase totalidade emigrantes, é lógico que este proporcione aos seus leitores a possibilidade de conhecerem a história da emigração e as suas causas principais.

Este número começa com dois pequenos artigos. No primeiro explica-se o que é a emigração. No segundo descreve-se resumidamente a história da emigração desde o princípio deste século até 1945. A descrição de forma resumida da emigração justifica-se porque, por um lado ela é necessária para que os leitores interessados possam fazer comparações com a situação actual. Por outro lado não nos parece muito importante tocar em muitos pormenores pois, estando nós na década de 70, será lógico que nos interesse muito mais conhecer a situação no nosso tempo. E é isso que iremos fazer em artigos que se seguirão.

O que é a emigração

Costuma definir-se a emigração como a deslocação de factores produtivos de um país para outros países. Mas normalmente quando falamos de emigração, referimo-nos à emigração do factor produtivo mais importante que é o trabalho.

Desta maneira diremos que a emigração é a deslocação de trabalhadores de um país para vários outros países.

Além das deslocações externas há também as deslocações internas. Isto é, deslocações de trabalhadores dentro do mesmo país de umas regiões para outras. É o que se conhece pelo nome de migração.

No caso português ela é tão importante que nos parece desde já importante, para se compreender bem as razões da emigração, abordar um pouco este problema.

A migração pode ter um carácter temporário ou definitivo. Muitos leitores conhecem certamente que no fim do outono se deslocam ranchos de homens e mulheres das regiões onde escasseia o trabalho para as regiões dos grandes olivais.

Também nos meses de Maio, Junho e Julho se deslocam ranchos para as ceifas dos cereais correndo por vezes grandes áreas, deslocando-se conforme a época das ceifas. Como exemplo podíamos aqui falar dos bem conhecidos ratinhos que da Beira-Baixa partem para o Alentejo no tempo das ceifas.

antes da emigração para o estrangeiro ter tomado o volume que hoje tem, quase todos os jovens e crianças, sobretudo os menos protegidos, procuravam a todo custo arranjar maneira de partir para Lisboa ou Porto, onde o pesado cabaz de merceiro ou do leiteiro ou ainda o balde de servente da construção civil lhe iria provocar uma corcunda nas costas.

Esta vida, ainda que bastante ingrata, livrava-os à fatalidade de nascer e morrer empunhando uma enxada, comendo pão de centeio ou de milho (por vezes pouco). Além disso, teriam aí melhores possibilidades de se educar um pouco a si mesmos e um dia os seus filhos, já que a freguesia onde nasceram ou tinha apenas uma escola primária, velha, por vezes a cair de desprezo, para as quais nem sempre havia professores ou não havia mesmo escola.

Uma outra forma de deslocação interna de bastante importância era a dos jovens licenciados do serviço militar. Estes, se tinham tido a "sorte" de cumprir o serviço militar em Lisboa ou Porto ou arredores destas duas cidades, poucos eram os que queriam regressar às suas terras.

Este tipo de migração é bastante antigo. Encontramo-lo já na idade média com a deslocação dos feirantes das zonas rurais para as cidades com feira, uns fixando-se ali, outros permanecendo apenas durante o período em que essas feiras se realizavam.

Emigração portuguesa entre 1900-1945

Desde 1900 até à implantação da República, a emigração portuguesa oscilou entre os 20.000 e os 40.000. Comparado com a população então existente e com o respectivo saldo fisiológico (diferença entre natalidade e mortalidade) o saldo migratório era bastante elevado.

Entre 1906 e 1910 representou 63% do saldo fisiológico. Em 1911 a emigração sobe aos 60.000 e em 1913 aos 78.000. A subida da emigração vai encontrar o primeiro obstáculo com a 1ª Guerra Mundial. Então a emigração regressa a saldos vizinhos dos 25.000, mantendo-se durante a guerra entre os 18.000 e os 20.000, só retomando em 1919 os 40.000.

A partir de então, esta continua a subir, atingindo em 1920 um saldo de 65.000.

CARTA DA BÉLGICA

Amigos

Foi por casualidade que tive conhecimento do vosso jornal "O Salto", ou seja do nosso jornal, pois eu também sou um dos muitos portugueses que um dia abalaram da nossa terra, em busca de um nível de vida melhor, em terras até aí estranhas para mim.



Parti de Portugal com destino à Holanda onde eu só via rosas, sem me aperceber que as mesmas rosas tinham grandes espinhos e o que é certo, é que ao fim de 8 dias eu estava a ser um verdadeiro turista, pois não conseguia arranjar trabalho. Foi por indicações de um conhecido que me dirigi a uma companhia americana onde então consegui emprego mesmo com passaporte de turista. Julguei, nessa ocasião, que tinha alcançado o sonho de poder trabalhar na Holanda mas caí das nuvens ao saber que teria que vir trabalhar para a Bélgica, mas como não estava em condições de escolha, tive que aceitar e a 20-4-70 dei entrada na Bélgica. Os dias foram-se passando e então comecei a ver o que era a companhia onde tinha vindo cair e que eu considero verdadeiros gangsters na Europa.

O meu contrato reza que eu estou sujeito e ao abrigo das leis do país onde trabalhar. Para principiar, fiz 10 meses de Bélgica no dia 20 do mês corrente e nunca recebi um único franco de Abono de família devido aos Srs. da companhia nunca terem dado um passo em benefício do operário. Nº2: Se um operário ganha, por exemplo, 15 mil francos mensais, eles só nos querem dar 10, pois o restante fica em depósito na companhia. Eu pergunto, porquê? Caso haja alguém que me saiba explicar, agradeço que me elucidasse. 3º Agora recusam-se a pagar a fêria a quem estiver doente mas no entanto, recebem da Mutuelle o dinheiro correspondente a cada operário que se encontre nessas condições. Trabalha-se numa maneira geral, sem o mínimo grau de segurança ou conforto e por vezes, nem água há para beber, isto já não falando em lavagens, pois esses Srs. não devem ter a mais pequena noção de higiene. Ainda o frio vinha longe, já os Srs. dos escritórios, no local onde se vestiam os chefes do trabalho tinham aquecimento,

esquecendo-se completamente que no curto período do almoço, os operários gostariam de ter também um pouco de calor. Trabalhando nós ao tempo, era de calcular que chegando ao fim do dia devíamos estar completamente encharcados e que o mesmo calor de que necessitávamos para aquecer os corpos enregelados também nos seria útil para enxugarmos as roupas que teríamos de vestir no dia seguinte. Já tinham passado praticamente os verdadeiros frios quando então se dignaram pôr lá um aquecimento, mas mesmo assim, foi um colega nosso que o montou apesar de lá haver um mecânico para fazer esses trabalhos. Muito mais teria a dizer, mas para quê? Em resumo, na tal companhia onde trabalhei, o operário só tem obrigações e não tem direitos pois se reclama, passa a ser apontado como refilão ou exigente. Para terminar, só lhes conto mais uma. Quando tive conhecimento que no fim do trabalho teria então que ir para a Holanda, assentei ideias em não sair da Bélgica, pois sinto-me aqui bem e teria também que continuar a trabalhar na companhia, coisa que não me interessa pois sou uma pessoa séria e só gosto de trabalhar dentro da sinceridade e por isso pedi contas à companhia. Fiquei espantado em princípio, por não me quererem pagar pois alegavam que não tinham lá as minhas contas, para depois me quererem dar 4.500 Fr. no que eu não estava de acordo e comecei por reclamar que me dessem o que me pertencia. Depois de muita discussão, acabaram por me pagar mas não na totalidade, pois ainda lá ficaram umas largas centenas de francos, mas só o fizeram depois de me agredirem. É triste que um operário de uma companhia com o tamanho desta, tenha primeiro que ser agredido por dois empregados do escritório para poder receber aquilo que é seu.

Gostaria que me elucidassem como poderei ser assinante do nosso jornal e como vos poderei enviar o dinheiro correspondente à assinatura.

Caso esta carta vos mereça qualquer atenção, podem dispôr dela conforme entenderem.

Sem mais, espero que o nosso jornal atinja a expansão que necessita para alertar os muitos portugueses como nós.

Um abraço de amigo

A redacção do "Salto" achou esta carta cheia de significado, e resolveu publicá-la quase integralmente.

No entanto, devemos acrescentar, que este seu caso não se dá por acaso. Ele é a consequência lógica da sociedade de exploração do homem pelo homem.

Na sociedade em que vivemos ou somos exploradores ou somos explorados. Para acabarmos com este estado de coisas, precisamos de transformar a sociedade, para acabarmos com as causas de tudo isto.

Quanto à sua pergunta, sobre o pagamento atrasado, há duas razões:

1ª Durante um mês, o dinheiro que o patrão tem e que pertence ao operário, está a render em favor do patrão.

2ª Esse mesmo dinheiro serve de arma de repressão.

sobretudo para os E.U. e Brazil, figurando o último em primeiro lugar. É assim que vemos a entrada de portugueses no Brazil passar dos 41.000, em 1929, para os 23.000 em 1930, para 6.000 em 1931 e para 9.000 em 1932 e mantém-se nos 7.500 em 1933 e 1934.

Até 1935, a emigração mantém-se em números bastantes reduzidos e só a partir daí começou a subir de novo. Em 1939, esta é um pouco menos de 18.000.

Aqui aparece o 3º obstáculo à emigração portuguesa. Em 1939 reventa a 2ª Grande Guerra que põe todo o mundo em sobressalto. Esta situação provoca duas reacções desfavoráveis ao saldo migratório português. Por um lado, as severas restrições à entrada de estrangeiros em todos os países,

directa ou indirectamente ameaçados pela catástrofe da guerra, por outro lado, a fuga de muitos países de muitos naturais para fora da zona de guerra.

E aqui estava incluído Portugal, que não tomou parte na guerra devido às conveniências hitlerianas.

Das centenas de milhares de europeus fugidos à guerra, uns passaram por Portugal em trânsito, indo localizar-se na América, outros fixaram-se mesmo em Portugal.

Tudo isto contribuiu para que o saldo migratório tomasse os valores de 13.000 em 1940, 6.000 em 1941, 2.000 em 1942 e 893 em 1943 (o saldo mais baixo deste século).

(Continua no próximo número).



Este assunto daria em si uma série de artigos se fossemos analisar os problemas sociais que este tipo de emigração acarreta. Preferimos deixá-lo ou para artigos futuros a enquadrar noutro tema ou para conferências que porventura sejam organizadas nos clubes para falar dos problemas sociais dos trabalhadores portugueses.

Já não podemos deixar em branco o problema de emigração interna definitiva.

Todos conhecem certamente que

O 1º DE MAIO: FESTA DO TRABALHO

SUA HISTÓRIA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Dentro de poucos dias comemorar-se-á mais um 1º de Maio. Data cheia de esperança, data de luta ela tem entre o operariado português profundas tradições. "O Salto" não podia deixar de comemorar este 1º de Maio. Fazêmo-lo recordando os principais acontecimentos que se passaram no mundo nesta data, as lutas dos trabalhadores pelas suas mais elementares reivindicações, homenageando todos aqueles que nesta data caíram sob as armas traiçoeiras do Capital. 1º de Maio: um exemplo a seguir!

Inglaterra: Entre 1830 e 1840 tiveram lugar em Inglaterra importantes manifestações que tinham em vista a diminuição das horas de trabalho. Nessa altura em Inglaterra, trabalhava-se uma média de 16 horas diárias.

Os acontecimentos de Chicago

Estados Unidos: É em 1884, num congresso operário realizado em Chicago que aparece pela primeira vez a ideia de fazer do 1º de Maio uma data simbólica para as reivindicações operárias. Era escolhido tal dia visto ser a data habitual para a renovação dos contratos de trabalho dos operários da parte leste dos Estados Unidos. É fixado o 1º de Maio de 1886 como o ponto de partida para um novo regime de trabalho; este dia é assinalado por greves e grandes manifestações onde a classe operária americana exigia: "A partir de hoje, nenhum operário deve trabalhar mais de oito horas por dia; oito horas de trabalho, oito horas de repouso, oito horas de educação". A luta não parou; ela vai continuar nesse ano por todo o mês de Maio. Principalmente em Chicago os combates de rua foram de tal modo violentos que ficaram na História com o nome de "Acontecimentos de Chicago". Pensamos ser interessante o relato mais pormenorizado de tais acontecimentos: no mês de Fevereiro de 1886 os operários das fábricas de máquinas agrícolas McCormick entraram em greve. O patronato na intenção de reprimir o justo protesto do operariado lança sobre eles um exército de polícias e agentes à paisana. No dia 3 de Maio, rebentava uma nova manifestação em frente dos portões da fábrica. Os agentes à paisana abrem fogo sobre a multidão deixando para trás um monte de cadáveres e feridos. No dia seguinte numa das grandes praças de Chicago (Haymarket) estão reunidos 15.000 operários. A Guarda Nacional começa numa caça ao homem fazendo centenas de operários prisioneiros, sete mortos e 60 feridos. Os dirigentes desta agitação, Auguste Spies, Samuel Fielden, Adolphe Fischer, George Engels são presos e enforcados no dia 17 de Maio do mesmo ano.

Os que caíram há 85 anos nas matanças de Chicago, estão presentes na memória do povo trabalhador. Jamais serão esquecidos!

França: Em 1889 no Congresso de Bordéus, a Federação Nacional dos Sindicatos decide organizar uma jornada reivindicativa em favor das oito horas para o 10 de Fevereiro de 1889. No ano seguinte, no Congresso Internacional que tem lugar em Paris, é apresentada uma proposta pedindo "a organização duma grande manifestação internacional em favor da redução das horas de trabalho, que seria feita numa data fixa, igual para todos."

O fusilamento de Fourmies

Para termos uma ideia clara do que foi a repressão sangrenta ao movimento operário, por ocasião do 1º de Maio, citamos já os acontecimentos em Chicago, nos Estados Unidos da América. Mas não foi o único. Também em França a burguesia reagiu ferozmente. O massacre de Fourmies dá-nos um exemplo claro disso. Ei-lo:

Em 1892, Fourmies era uma vila como muitas outras em França onde o operariado lançara mão da greve para fazer valer os seus direitos. As fábricas de têxteis estavam já paralisadas há alguns dias, por ocasião do 1º de Maio. Nessa manhã, o chefe da polícia tinha ordenado aos seus agentes a prisão de alguns dirigentes grevistas. Correu em toda a vila a notícia alarmante dessas prisões. Os operários e demais população reagiram imediatamente e juntaram-se no largo principal, exigindo a imediata libertação dos companheiros. Como a unidade dos operários fosse ameaçadora, os patrões das fábricas deram ordens ao chefe da polícia para pôr cobro à manifestação. O cão de guarda de nome Chaput, o "chefe", mandou os soldados atirarem sobre a população. 10 mortos, entre os quais uma rapariga de 18 anos e 90 feridos foi o resultado do que na história do movimento operário ficou conhecido com o nome de "Fusilamento de Fourmies".

Tal como os de Chicago ou doutros lugares do mundo a seu exemplo permanecerá na memória de todos nós!

O carácter internacional do 1º de Maio

A grande agitação que se vinha verificando no seio da classe operária dos países mais desenvolvidos, veio culminar, finalmente, na manifestação internacional de 1890, organizada pelo Congresso Internacional de Paris (14 a 21 de Julho de 1889). Nele estiveram presentes numerosos dirigentes operários de todo o mundo, entre eles FREDERICO ENGELS que, conjuntamente com KARL MARX, desenvolvia já actividade de relevo no seio do movimento operário mundial. Eis a resolução aprovada no Congresso: "Será organizada uma grande manifestação internacional em data fixa, de tal maneira que em todos os países e todas as cidades simultaneamente, no mesmo dia combinado, os trabalhadores exijam que se reduza legalmente a 8 h. o dia de trabalho e aplica outras resoluções do Congresso Internacional de Paris."

Atendendo a que uma manifestação semelhante foi já decidida para o 1º de Maio de 1890, pela Federação Americana do Trabalho no seu Congresso de Dezembro efectuada em St. Louis, esta data é adoptada para a manifestação internacional.

Os trabalhadores das diversas nações terão de levar a cabo esta manifestação nas condições que lhes são impostas pela situação especial dos seus países."

Em Lisboa e Porto 12.000 operários portugueses, dando provas de solidariedade para com os companheiros em luta em todo o mundo, vieram à rua gritando bem alto as suas justas aspirações.

É assim que o 1º de Maio se tornou a festa do trabalho, o dia dos trabalhadores de todo o mundo!

PORTUGAL 1962

Não se pode falar do 1º de Maio em Portugal, sem falar no ano de 1962. Na verdade, é nesse ano que a luta popular atinge um ponto alto, com greves, manifestações e outras lutas em que grande parte dos trabalhadores portugueses participaram.

Muitos de nós estávamos lá em Portugal nessa altura, vivendo os acontecimentos e até participando neles. O 1º de Maio de 1962 é pois uma das maiores datas do movimento operário português, uma nova e grandiosa página da nossa história.

Em Março de 1961, o povo Angolano levanta-se contra o regime colonial imposto pelos coloniais portugueses. Isto vem trazer o pânico às fileiras dos burgueses que começam a duvidar do seu triste futuro, vendo-lhe o terreno a fugir-lhe debaixo dos pés.

Isto veio ajudar imenso o povo português, pois a guerra colonial faz com que os capitalistas se vejam à beira de uma crise, rasgando um bom caminho na luta do povo contra a exploração e a opressão.

Quando começou a guerra, a burguesia fez-nos apertar o cinto, pois é a cínica maneira que eles tinham para se defenderem dos encargos da guerra. O povo trabalhador tinha que ganhar o mesmo e se quizesse comer, tinha que o pagar mais caro.

Manifestações por todo o país

Isto faz com que a partir dos 3 últimos meses de 1961, comecem a rebentar greves e manifestações que são diferentes daquelas que estávamos habituados a ver.

As manifestações de Novembro de 1961, feitas a propósito das eleições para deputados, mostram que a maioria das massas nelas presentes já não acreditam em tal fantochada e gritam: PAZ, PÃO, LIBERDADE.

A 1 de Janeiro de 1962 dá-se o assalto ao quartel de Beja que é o primeiro sinal de alarme para a burguesia, depois da revolta dos marinheiros em Setembro de 1936, onde o operariado não teve papel dirigente.

As concentrações de trabalhadores junto aos sindicatos e das fábricas, as greves sucederam-se nesses meses antes de Maio. São exemplo disso: os operários da Carris e da CUF que fazem uma concentração junto do sindicato; os pescadores de Peniche estão em greve durante 14 dias.

Os camponeses do Sul do País, Ribatejo, Alentejo e Algarve, continuam a sua luta pelas 8 horas de trabalho, fazendo várias greves e manifestações.

Aljustrel, por exemplo, estava em estado de sítio. No dia 28 de Abril de 1962, houve uma violenta manifestação, onde foi morto o operário António Adângio.

Os estudantes, que desde Janeiro que estavam em luta pela Reforma do Ensino e pela realização do Dia do Estudante. Rebentaram várias greves no Porto e em Coimbra.

A luta popular

Tudo isto vem a culminar com a grande manifestação no dia 1 de Maio.

Milhares e milhares de pessoas juntam-se na parte baixa de Lisboa. O governo fascista estava preparado para essa manifestação. Em todas as ruas vizinhas do Rossio e da Praça do Comércio, a polícia de choque, os Pides, a GNR estavam todos em posição.

Os quartéis estavam de prevenção.

Durante toda a tarde, as massas populares começaram a chegar aos pontos para onde estava marcada a manifestação, não se intimidando com a força policial presente.

Por volta das 6 horas da tarde a manifestação pôe-se em marcha e o entusiasmo é impressionante. Aos gritos de PÃO, PAZ, LIBERDADE!, QUEREMOS ARMAS, a multidão avança. O Rossio está em festa!

Algumas montras de lojas chiques, onde a burguesia se veste, montras de bancos e do Secretariado Nacional de Informação foram destruídas pelas massas populares.

A PIDE começa desde logo a sua acção repressiva. As prisões sucedem-se e começam-se a travar os primeiros combates com as forças da repressão.

Apesar de armados até aos dentes, foram muitos os polícias e guardas republicanos que foram feridos pela fúria dos manifestantes. A certa altura, os cães de guarda do fascismo carregam, fazendo numerosos feridos e atiram sobre as massas populares, matando o heróico operário Estevão Giro.

Até altas horas da noite, Lisboa foi teatro das maiores barbaridades cometidas pela polícia. A alta combatividade, a coragem e a abnegação do povo trabalhador, fizeram sentir à burguesia que ela não levará a melhor, nem que o povo está disposto a continuar assim. Naquele dia de Maio S. Bento treveu.

Os combates do 1 de Maio de 1962 não estão esquecidos nem serão esquecidos.

Mas a luta continuou. No dia 2 de Maio em Alcácer do Sal, os camponeses que lutavam pelas 8 horas de trabalho, impuseram a sua vontade. Não ligaram nenhuma aos capatazes. Começaram a trabalhar às 8 horas da manhã e às 12 foram almoçar. Às 13 horas recomeçaram o trabalho e às 5 da tarde foram para casa.

Um passo em frente

Terras houve onde os trabalhadores quiseram ir mais longe do que a greve para conseguir as 8 horas de trabalho e outras exigências.

Aí fizeram-se planos para assaltar os quartéis da Guarda Republicana, mas como os camponeses não podiam lutar de mãos vazias contra uma G.N.R. bem armada, o resultado foi que muitos dirigentes do movimento foram presos e as massas populares não puderam contra as investidas da Guarda.

Aliás, isto não se passou só no campo. Em Lisboa aquando da grande manifestação do 1º de Maio, o problema foi o mesmo. Havia que resistir e havia que combater, mas como, se a polícia quando atirava, os manifestantes só tinham pedras para se defenderem?

Depois desta manifestação que demonstrou bem o espírito de luta elevado em que se encontravam os trabalhadores que se manifestavam.

Muitas pessoas responsáveis fizeram ouvidos de mercador à grande vontade que reinava em "ir para a frente", o que vem mais tarde causar grandes prejuízos ao movimento operário português.

É nas horas difíceis que se conhecem os amigos, costuma-se dizer. E os trabalhadores que lutaram e combateram de norte a sul do país, não se esquecerão dos que nessa altura, se dizendo amigos, na hora difícil os abandonaram.

O Dia do Trabalho de 1962 é um passo em frente no alcance de uma sociedade nova e justa, que continua presente na memória de todos nós.

A COMUNA DE PARIS NÃO MORREU!

100 anos se passaram desde que a Comuna foi proclamada. Segundo a tradição, o proletariado Francês comemorou-a com assembleias e manifestações. No fim do mês de Maio, o proletariado irá de novo depositar coroas de flores nos túmulos dos Federados (como eram chamados os combatentes da Comuna) que foram fusilados, vítimas da sangrenta semana de Maio. Ali, ele jurará de novo combater até ao triunfo completo das ideias dos Federados, até à realização total da obra que eles deixaram.

Mas o que foi a Comuna?

O que é que ela deixou?

Para o sabermos, recuemos 100 anos atrás e estamos em Paris de 1870, num Paris onde, segundo Varlin: Um dos dirigentes da Comuna.

"O proletariado nasce na miséria, [...] mal vestido vivendo em barracas, separado da sua mãe que o deve abandonar para ir ao trabalho, crescendo na imundice, exposto a mil acidentes e apanhando doenças que o acompanharão até ao túmulo."

Ao proletariado que vive nestas condições, Varlin opõe aqueles que nasceram num palácio, que nada produzem e que vivem à custa das privações de 99% da população. Ora esta situação que é a mesma da França de hoje e de Portugal, é a de todos os países onde existe a exploração, do homem pelo homem e só acabará, com o desaparecimento desta.

Isto tinha compreendido Varlin e outros que formaram a secção francesa de Associação Internacional dos Trabalhadores (mais conhecida pela I Internacional fundada em 1864 por Karl Marx) e começaram a propagar a ideia da luta contra a exploração capitalista entre o proletariado.

A Guerra Franco-Prussiana

Napoleão III, imperador da França, sonha com a conquista da Prússia e prepara-se para lhe declarar a guerra. A Internacional opõe-se-lhe e organiza manifestações contra a guerra e faz apelos a solidariedade dos trabalhadores alemães que correspondem nos mesmos termos.

"Este facto único, sem igual na História, abre o caminho para um futuro radioso. Ele prova que, em oposição à velha sociedade, com as suas misérias económicas e o seu delírio político, uma nova sociedade nasce, cujo princípio internacional será a Paz, porque em cada nação reinará o mesmo princípio: "O trabalho" (declaração da 1ª Internacional).

No entanto, apesar dos esforços dos trabalhadores alemães e franceses, a Guerra era decretada a 19 de Julho.

O exército imperial francês sofre uma série de derrotas que culminam com o cerco de Paris pelas tropas de Bismarck (chefe do exército prussiano).

O imperador francês rende-se a 2 de Setembro.

Viva a Comuna!

A 7 de Janeiro de 1871, o Comité Central dos representantes das assembleias populares que se reuniam diariamente em cada bairro de Paris, publica o seu primeiro cartaz vermelho, onde exige:

"A supressão da polícia tal como ela é constituída, para subjugar os cidadãos e não para os defender."

"A entrega de a todos os cidadãos de armas de longo alcance e que lhes sejam distribuídas ao mesmo tempo a quantidade de cartuchos e munições de guerra suficientes para que eles sejam capazes de contrariar qualquer ataque eventual.

O medo da burguesia de uma revolução social aumenta, e a 28 de Janeiro, o governo republicano assina a rendição e dias depois, transfere-se para Versaillies.

Thiers tenta, no entanto, um último golpe para se apoderar de Paris. Envia uma série de destacamentos para se apoderar dos canhões da Guarda Nacional. Os serviços da Guarda no quartel de artilharia são tomados de surpresa



Louise Michel
uma heroína da Comuna.

e retiram, indo avisar o comité do XIII.

Louise Michel, uma das maiores heroínas da Comuna, conta:

"Eu desço as colinas com a minha carabina sob o meu ombro, gritando "Traição!".

A ela se junta toda a população de Montmartre e lançam-se ao assalto. No entanto, os soldados enviados por Thiers confraternizam com os Guardas Nacionais, e recusam-se a atirar sobre o povo, desarmam os oficiais e prendem o general Leconte e fuzilam-no.

O exército mercenário da burguesia foge em debandada.

O Comité Central dos 20 bairros passa a ser a única autoridade em Paris. Ele organiza eleições populares para eleger os representantes do Povo ao Conselho da Comuna que tiveram lugar no dia 28 de Março.

No dia 28 de Março, a Comuna é proclamada no Hotel de Ville.

E quando Ravvier declarou:

"Em nome do Povo, a Comuna está proclamada", todos gritaram numa só voz: VIVA A COMUNA!"

Desde o dia 18 de Março a população de Paris tinha posto o poder nas mãos da Guarda Nacional, a classe operária e a pequena burguesia que se tinha colocado ao seu lado.

Pela primeira vez na História da Humanidade, o Povo é senhor da situação e a classe operária toma o poder.

Até aí, o poder estivera sempre nas mãos dos governos dos grandes proprietários e capitalistas.

As medidas sociais da Comuna

A Comuna teve pouco tempo para pôr em prática todos os seus projectos, ocupada como estava com a luta armada. No entanto, as medidas que tomou mostram bem o verdadeiro carácter da Comuna; o governo eleito pelo povo podia, a todo o momento, ser demitido por ele.

Todos os funcionários (governo incluído) não podiam receber um salário superior ao de um operário.

O exército permanente foi substituído pelo armamento geral do povo.

A Igreja foi separada do Estado.

O ensino passa a ser completamente separado da Igreja e gratuito. O seu carácter muda completamente, como tal é decretado:

"É preciso que desde a mais tenra idade, a criança passe, alternadamente, da escola à fábrica.

É preciso que o operário possa escrever um livro [...] sem para isso se sentir obrigado a abandonar a pá e a picareta."

O sistema de multas, esse roubo legalizado aos trabalhadores, foi abolido.

Os usurários são obrigados a entregar todos os objectos em penhor aos seus proprietários.

Todas as fábricas abandonadas e imobilizadas pelos seus proprietários, passam para as mãos das Associações de Trabalhadores. A maior tarefa da Comuna, no domínio social, foi a organização do trabalho das mulheres, que duplamente exploradas se tinham organizado na União das Mulheres e

eram tremendamente exigentes em matéria de Revolução Social.

A União das Mulheres envia a seguinte proclamação à Comuna:

"O Comité Central da União das Mulheres pede à Comissão de Trabalho e de Câmbio da Comuna, para pôr à disposição das associações produtoras federadas as somas necessárias para a exploração das fábricas e oficinas abandonadas pelos burgueses.

A Comissão do Trabalho respondeu afirmativamente a este pedido.

Como vemos, a Comuna era mesmo a manifestação do poder da classe operária.

É verdade que ao princípio juntaram-se a este movimento, os pequenos burgueses e mesmo os burgueses republicanos. Mas o papel dirigente era exercido pela classe operária, a única que foi fiel à Comuna até ao fim.

Os burgueses republicanos, aterrorizados pelo perigo que representava para as suas propriedades o poder da classe operária, rapidamente abandonaram a Comuna e os pequenos burgueses, por seu lado, logo que viram que a Comuna estava condenada a uma derrota certa, acabaram por abandonar também.

Contra a Comuna aliaram-se todos os burgueses de França, Thiers e o seu governo de Versaillies a frente, todos os ladrões grandes e pequenos, a que se veio juntar o imperador alemão, que libertou 100.000 prisioneiros para destruir a Comuna.

A Comuna e os camponeses

Mas esta aliança contra a Comuna nada teria conseguido se a burguesia não tivesse sido capaz de mobilizar uma parte do povo contra a outra.

O governo de Thiers entrega-se a uma imensa campanha de difamação da Comuna no meio camponês.

A Comuna, em parte conscientizado perigo, faz um apelo aos camponeses, que diz:



Os Federados ao ataque.

"Há mais de um século que te roparam, camponês, pobre jornaleiro, que a propriedade é o fruto sagrado do trabalho, e tu acreditas.

Se é verdade que a propriedade é o fruto do trabalho, tu serias proprietário, tu que tanto trabalhaste.

Não, irmão, o trabalho não dá a propriedade. Os ricos são ociosos e os trabalhadores são pobres, e ficam pobres.

É a regra, o resto é excepção."

Os frutos da terra para aqueles que a cultivam. Tal é a ideia principal do resto do apelo. Este apelo, no entanto, foi pouco propagado e por si só, não bastaria para mobilizar os camponeses.

Com todas estas ajudas, a burguesia sente-se forte e pronta a destruir a Comuna de Paris.

A Comuna, se tivesse atacado Versaillies logo ao princípio, teria destruído facilmente o fraco exército da burguesia. Mas ela perdeu o seu tempo a discutir se o devia ou não fazer, se isso era ou não contra os seus princípios.

No dia 21 de Maio, quando as tropas de Versaillies entraram em Paris pelas portas de St. Cloud desguarnecidas, já era demasiado tarde.

Entretanto, o Povo de Paris, que sofria as causas da guerra e ainda mais as privações aumentadas pelo cerco, armara-se para fazer frente à invasão, e a 4 de Setem-

bro proclama a República (Democrático-Burguesa).

Os trabalhadores põem ainda as suas esperanças no governo burguês de Thiers, dito de "Defesa Nacional".

Entretanto, a agitação cresce entre os trabalhadores que se armam e formam as Guardas Nacionais, isto é, o povo em armas.

A Semana Sangrenta

Só no dia 22 de Maio, a população de Paris teve conhecimento da invasão e organizou a resistência.

Em cada bairro foram construídas barricadas. Nessas barricadas todos os trabalhadores de Paris vão defender-las heroicamente, até a última cair.

O exército criminoso da burguesia avançava lentamente, de barricada em barricada, fusilando todos aqueles que eram feitos prisioneiros, fossem eles homens, mulheres, crianças ou velhos.

No dia 25 de Maio, um batalhão de mulheres ocupou a barricada de Château d'Eau, hoje Praça da República, no momento em que os seus defensores batiam em retirada. Estas mulheres batiam-se admiravelmente, aos gritos de "VIVA A COMUNA!"

Interrogando uma das prisioneiras, o comandante disse: "Você matou dois dos meus homens", ao qual ela respondeu: "Possa eu ser punida por não ter morto mais!".

Foram, depois, todas fusiladas.

Os últimos resistentes encontravam-se barricados em Belleville e Menilmontant. No dia 28 de Maio, a barricada da rua de Belleville atirou o seu último tiro de canhão e pouco depois, ali perto, o último combatente da Comuna cai, depois de se ter batido 15 minutos sozinho, aos gritos de "VIVA A COMUNA".

A repressão, uma das mais sangrentas da História, abate sobre o Povo de Paris. 30.000 homens, mulheres e crianças foram assas-

sinados. Dezenas de milhares foram feitos prisioneiros e enviado dos para o degredo.

A burguesia estava contente.

"Desta vez, acabámos com o socialismo e por muito tempo", dizia o sanguinario Thiers. Mas este abute enganava-se. 6 anos somente, após a destruição da Comuna, quando a maioria dos seus combatentes ainda sofria nas prisões, o movimento operário renascia, e retomando a bandeira caída das mãos dos Federados "VIVA A COMUNA" conquistaram anos mais tarde a libertação de todos os prisioneiros.

O movimento operário sobe tirar as lições da derrota da Comuna, sendo as principais:

- A falta de uma organização própria da classe operária;

- A docilidade com que a Comuna tratou os burgueses;

- A falta de unidade entre os operários e camponeses, etc...

Enriquecido com estas lições, o movimento operário não deixou morrer a Comuna, triunfando na Rússia em 1917 e na China em 1947.

Hoje em todo mundo, os trabalhadores comemoram no 1º de Maio, as gloriosas tradições da Comuna de Paris, muitos deles de armas nas mãos, como no Vietnam, Laos, Cambodja, Palestina, Angola, Guiné, Moçambique e muitos outros países da África, Ásia e América

Isto demonstra claramente que a "Comuna Não Está Morta".

REPORTAGEM NO LUXEMBURGO

(Continuação da pag.1)

O senhor Ramos

Para não escapar à regra habitual em todos os locais onde há emigrantes, não falta a existência de um aldrabão chamado Ramos. Ora este senhor (naturalizado luxemburguês) dedica-se ao rendoso negócio de arranjar empregos para portugueses que chegam clandestinos. Claro que esse mario-la tem de sacar uma boa maquia. Assim, cada português que recorre a ele é aliviado de quantias que vão de 2.000 a 3.000 francos luxemburgueses. E assim vai vivendo o senhor Ramos.

Mas, pior que o senhor Ramos, só pode ser mesmo o Consulado. Aqui, o galo que canta é mais forte e é o único patife português autorizado oficialmente pelo governo luxemburguês. As patifarias do Consulado são de tal ordem que a policia tem que lhe montar guarda.

4 funcionários para 11000 emigrantes

Mas, comecemos por contar como "funcionam" os serviços do Consulado. Para começar, tem 4 funcionários para atender cerca de 11.000 emigrantes. Como a emigração clandestina é imensa, também é enorme o número de pessoas que querem legalizar a sua situação. Por isso, cerca das 2 horas da manhã, começa a concentração de pessoas à porta do Consulado. Muitas vezes, vir cedo não é o suficiente para serem atendidos. Acontece que às 9 da manhã quando a porta abre, vem um funcionário à porta e manda muitas dessas pessoas, que chegaram pelas 2 da manhã, embora, porque nesse dia só podem atender aqueles que vieram ainda mais cedo. Outras vezes não dizem para as pessoas se irem embora e ao fim do dia mandam-nas embora, porque já não atendem mais ninguém.



Isto é Paris! No Luxemburgo é a mesma coisa

Para tirar passaportes de emigrante as pessoas que vêm clandestinas de Portugal (a salto, portanto) têm de se deslocar ao Consulado. Os que vêm com passaporte de turista para conseguirem o passaporte de emigrante também têm de se deslocar ao Consulado. Mas, e aqui entra a roubalheira descarada, todas as pessoas que vão tirar o passaporte de emigrante, têm de pagar uma multa de 400 francos luxemburgueses por terem saído clandestinos de Portugal. Mesmo os que vêm com passaporte de turista, têm de pagar essa multa porque, segundo os funcionários do consulado "quem vem como turista é considerado clandestino."

Agarra que é...

Mas não é só nisto que o Consulado serve tudo menos os interesses dos trabalhadores. As histórias continuam a chegar-nos aos ouvidos.

Um emigrante, que tem cerca de 60 anos de idade, foi ao Consulado tratar de documentos. O consul pediu-lhe a licença militar para lhos tratar. Como esse emigrante só possuía a caderneta militar, o consul ficou de lhe tratar da licença militar. Já lá vai mais de um ano, mas o consul ainda não sabe dela.

Uma senhora já de idade tirou passaporte de turista para virter com a filha e o genro. Foi tirar passaporte de emigrante e teve de pagar a tal multa de 400 francos.

Mas, vamos agora aos preços dos passaportes neste consulado, sem falar do dinheiro com que se "escorrega" para apressar os funcionários. Temos que um passaporte com urgência custa 2.400 francos. Se for pedido sem urgência custa menos cerca de 800 francos. Um passaporte pedido com urgência e com multa de emigração clandestina custa 2.800 francos. É isto tudo enquanto, mesmo em Portugal, o preço de um passaporte é cerca de 400 escudos. Portanto, nos cofres do governo fascista português só entra o dinheiro que um passaporte custa. Ora, 1000 francos luxemburgueses são cerca de 520 escudos. Para onde é que vai o resto do dinheiro que o Consulado tira aos emigrantes? Certamente para os bolsos de alguém.

Mas, antes de terminar, ainda temos a acrescentar mais duas coisas. A primeira é que um dos jornais dos bancos, "O Emigrante", também assenta arraiais à entrada do consulado. Isso aliás acontece em quase todos os consulados. A segunda é que o Crédito Franco-Português possui as fichas de todos os emigrantes residentes no Luxemburgo, fichas essas cedidas pelo Consulado.

Enfim, este já não engana nenhum emigrante residente no Luxemburgo. Desde a venda de bilhetes para espectáculos cuja função é enganar os trabalhadores (antes de sairmos do Luxemburgo entramos num café de portugueses onde estava um cartaz de propaganda a uma festa em que participará o orfeão académico de Coimbra e cujos bilhetes se poderão comprar na secção consular da Embaixada Portuguesa no Luxemburgo) até à colaboração com os bancos, passando pela autorização da venda dos jornais dos bancos à porta ("O Emigrante", por exemplo), por todas as aldrabices na venda de passaportes, por todo o desprezo que têm pelos emigrantes a quem não chupam os ossos porque não podem, este Consulado faz tudo ao serviço da burguesia luxemburguesa e do seu aliado o governo português (do qual é instrumento) e sempre contra os trabalhadores.

Este Consulado não é um caso especial entre os consulados portugueses. Ele é igual aos outros. Eles explorarão os trabalhadores portugueses enquanto não forem todos varridos, começando pelos seus patrões em Portugal.

"O Salto" — "Novo Rumo"

UM TAL MARTINEZ

(Continuação da pag.7)

to tempo, a falta de equipamento decente, etc...

Pois esse tal senhor Martinez publicou o livro da sua matéria, vendendo cada fascículo a 7\$00, mas os estudantes protestaram até que o preço baixou para 5\$00. Afirmava o professor que o estavam a arruinar, que estava a perder dinheiro e outras babuseiras.

Mas os estudantes não foram em cantigas e trataram de procurar a tipografia onde o Martinez tinha feito os tais fascículos. Descobriram-na e lá disseram-lhes que sim, que o Sr. Prof. Martinez era lá cliente e que para ele e para o Prof. Marcelo Caetano havia um preço especial: cada fascículo saía a 2\$50!

O que quer dizer que tinha 100% de lucro: 5\$00 - 2\$50 = 2\$50. Feitas as contas, o Martinez devia apanhar umas dezenas de contos de lucro!

Negociatas deste género permitem-lhe comprar, há pouco, uma quinta de cerca de 7 000 contos para os lados do Alentejo, onde emprega centenas de camponeses que explora ferozmente.

Esta história é verdadeira e mostra alguns processos utilizados por aqueles que chegaram à honra de entrar na nossa "melhor sociedade", a elite que, à frente das fábricas, do exército, da policia e da universidade luta constantemente pelo seu alto ideal: O DINHEIRO.

UM TRABALHADOR PREVENIDO VALE POR DOIS como preencher uma folha de doença

Document n° 3

CAISSE PRIMAIRE CENTRALE DE SECURITE SOCIALE DE LA R. P.

FEUILLE DE MALADIE Chaque feuille de maladie est valable 15 jours. Elle doit être remplie et déposée obligatoirement par l'assuré sans aucune responsabilité.

RENSEIGNEMENTS CONCERNANT L'ASSURE

Nombre d'immatriculation copié sur la carte de l'assuré: 1

Nom: 2 (Pour les femmes mariées, divorcées ou veuves, indiquer le nom de votre mari, de votre ex-mari ou de votre veuf.)

Prénoms: 3

Adresse: 4

Né le: 5 à 6

Êtes-vous actuellement salarié? (répondez par OUI ou par NON): 7

Si oui, indiquez votre dernière période de travail: du 8 au 8

Dans tous les cas, donnez le nom et l'adresse de l'employeur: 9

Nombre d'enfants à charge: 10 Nombre d'ascendants à charge: 11

QUI EST MALADE?

Assuré: 12 Conjoint: 13 Enfant: 14 Autre bénéficiaire: 15 (Revoir les modalités de l'article 13)

Pour un autre bénéficiaire, indiquer le degré de parenté: 14

Profession actuelle du malade: 15

Le malade est-il: Victime d'un accident?: 17 Pensionné de guerre?: 19

Victime d'un accident de travail?: 18

RENSEIGNEMENTS A FOURNIR DANS LE CAS OU LE MALADE N'EST PAS L'ASSURE LUI-MEME

Nom du malade: 21

Prénoms: 22 Date de naissance: 23

MODE DE REGLEMENT (facultatif)

Je désire être réglé par virement: 25

26 à mon compte chèques postaux 27 à mon compte bancaire

Inclure de: Monsieur, Madame, Mademoiselle: 28

IMPORTANT. Art. 118 de l'ordonnance du 19-10-1945. Est passible d'une amende de 36.000 à 720.000 F. quiconque se rend coupable de fraude ou de fausse déclaration pour obtenir, faire obtenir, ou tenter de faire obtenir des prestations qui ne sont pas dues, sans préjudice des peines résultant de l'application d'autres lois d'ordre pénal. Art. 158 du Code pénal. Tout individu qui aura commis un faux en écriture privée sera passible de réclusion.

S'inscrire de l'assuré: 29

Voir page 3 les cadres à remplir par l'assuré. C.A.C.S.S. n° 347 1

tradução da folha de doença

FOLHA DE DOENÇA

Cada folha de doença é válida por 15 dias. Deve ser enviada à vossa Caixa no prazo de um mês, a partir do primeiro dia de doença.

Esta FOLHA deve ser preenchida e assinada obrigatoriamente pelo assegurado e sob a sua responsabilidade.

-----INFORMAÇÕES REFERENTES AO ASSEGURADO-----

- (1) Número de matrícula copiado da carta de matrícula.
- (2) Apelidos
 - (2A) As mulheres casadas, divorciadas ou viúvas devem indicar o seu nome de solteiras seguido de FEMME DE (mulher de - nome do marido), DIVORCÉE DE (divorciada de - nome do antigo marido), VEUVE DE (viúva de - nome do defunto marido)
- (3) Nome próprio
- (4) Direcção
- (5) Nascido a (data do nascimento) - (6) em (local, país onde nasceu)
- (7) Está, actualmente, empregado? (responda OUI ou NON)
- (8) Se não, indique o seu último período de trabalho: do..... ao
- (9) Em qualquer dos casos, escreva o nome e a direcção do patrão.
- (10) Número de filhos a seu cargo
- (11) Número de pessoas mais velhas a seu cargo

----- (12) QUEM ESTÁ DOENTE? -----

- (13)

| | | | |
|------------|---------|-------|--------------------|
| Assegurado | Cônjuge | Filho | Outro beneficiário |
|------------|---------|-------|--------------------|

 Riscar o que não interessa.
- (14) Para "Outro beneficiário" indicar o grau de parentesco.
- (15) Profissão actual do doente
 - (17) Vítima de acidente?
 - (18) Vítima de acidente de trabalho?
 - (19) Pensionário de guerra?

----- (20) INFORMAÇÕES A FORNECER NO CASO DO DOENTE -----

- NÃO SER O PRÓPRIO ASSEGURADO
- (21) Apelido do doente
 - (22) Nome próprio
 - (23) Data do nascimento

----- (24) MODO DE REEMBOLSAMENTO -----

- (25) Desejo ser reembolsado:
 - (26) na minha conta de cheques postais
 - (27) na minha conta bancária
 - (28) Titular da conta
 - (29) ASSINATURA DO ASSEGURADO

Em Nome da Pátria a Exploração

(Continuação da pag.6)

como prémio, a morte e a incapacidade física? Até quando, em nome da "Pátria" e da "Cristandade" se explorarão outros povos? Para quando a solidariedade entre os povos?

como prémio, a morte e a incapacidade física? Até quando, em nome da "Pátria" e da "Cristandade" se explorarão outros povos? Para quando a solidariedade entre os povos?

Dum leitor Justino Alves

como prémio, a morte e a incapacidade física? Até quando, em nome da "Pátria" e da "Cristandade" se explorarão outros povos? Para quando a solidariedade entre os povos?

Dum leitor Justino Alves



MESA REDONDA SOBRE A LUTA NA GUINÉ

(Continuação da pag.3)

também pela língua, o que era essencial.

O povo português é um povo irmão

Outra resp.— A alta consciência nota-se em todas as escolas em que os meninos que estão a estudar e todos os militantes do PAIGC são ensinados pelos dirigentes do PAIGC, de que nós não estamos numa guerra contra Portugal, nem contra os portugueses, mas sim contra os colonialistas. Em todos os lados os dirigentes do PAIGC dizem que o povo português, para nós, é um povo irmão. Todo o português que fora ou dentro de Portugal está a trabalhar pelo seu pão, a cavar o seu chão para plantar as suas batatas, é um irmão. São nossos inimigos os que se deslocavam de Portugal para ir colonizar a nossa terra. Isso diz-se todos os dias aos miúdos. Nós já estamos a preparar-nos para o futuro, porque o governo português procura que amanhã, depois da independência, exista uma contradição entre o povo português e o povo da África e isso nós queremos evitar, porque nós queremos que amanhã na nossa terra livre, nós possamos conviver em união com todos os portugueses e com todos os povos do mundo. Por isso eu acho muito bem quando os dirigentes do PAIGC nos dizem e relembram isto.

Uma voz— Isto satisfaz-nos imenso e cabe a nós, por outro lado, a mentalização do povo português para essa tarefa. Uma das coisas que mais nos satisfaz, no que acabam de dizer, é que, parece-me que com o vosso trabalho, o povo da Guiné e Cabo Verde fica armado contra qualquer espécie de exploração que lhe apareça no futuro, depois da independência.

Cv.— O nosso objectivo não é a luta contra Portugal, nem contra o povo português. O nosso objectivo é lutar contra o imperialismo e o colonialismo.

Outro Cv.— Eu não sei se os camaradas que estiveram na Guiné, tiveram a possibilidade de notar que temos lá prisioneiros portugueses, infelizmente analfabetos, que hoje estão nas nossas escolas a estudar e que já sabem ler e escrever, ensinados pelos miúdos que aprenderam a ler nas nossas escolas. Eu acho que isto é uma bofetada na cara do governo português. É para que ele possa ver que nós queremos viver na nossa terra, com dignidade de homens. Nós gostaríamos de conviver com qualquer homem que nos considerasse homens, quer seja dentro ou fora da nossa terra, na máxima colaboração.

O S.— Vocês falaram agora no problema dos prisioneiros portugueses na Guiné: Como são tratados os prisioneiros portugueses?

Um Desertor— O que eu comia, comiam eles. As regalias que eu tinha na República da Guiné, tinham eles. Claro que havia uma certa vigilância, porque há alguns prisioneiros dentro da República da Guiné, que estão do lado dos portugueses. Nós íamos à praia, jogávamos futebol, jogávamos às cartas. Tínhamos que ir duas vezes por semana ao médico, por causa da comida, a que não estávamos habituados e devido ao paludismo.

Uma voz— Acho isso simplesmente fantástico!

Outra voz— Ao passo que no Tarrafal se mata lentamente!..

Outra voz— Na Guiné, pensa-se na saúde.

Outra voz— No Tarrafal da Praia temos presos do PAIGC que não têm visita médica, não têm visitas e ninguém os pode ver.

Cv.— Como pensam que o povo português possa ajudar a luta dos povos sob dominação colonial?

O S.— Para o povo português, ajudar a luta dos povos sob do-

minação colonial, é ajudar-se a si mesmo. O povo português ajuda os povos africanos, tomando consciência de que Portugal é um país como todos os outros, e que pode viver sem as colónias e que há trabalho a fazer em Portugal, para a libertação de Portugal, porque o próprio Portugal está colonizado. Como existe em Portugal um trabalho para a libertação do povo português e de Portugal, o povo português, libertando a sua terra, está a ajudar também a nossa luta.

O S.— Em Fevereiro de 1970, houve a primeira manifestação em Portugal contra a Guerra Colonial. Acha que essa é uma das maneiras de ajudar a vossa luta?

Cv.— Sem dúvida, na medida em que contribui para informar a opinião pública, sobre o que se passa nas colónias, e até que ponto é legítima a guerra que os patriotas africanos desenvolvem contra o regime colonial português.

Pão ou cuxo-cuxo?

O S.— Há bocado falaram do ensino. Como se processa o ensino nas escolas do PAIGC?

Cv.— A tropa do PAIGC são trabalhadores, professores, engenheiros e doutores. Quando um miúdo de 10 anos já sabe ler e escrever, etc., já é um professor, porque já vai ensinar mesmo mulheres de 40 anos, e mais

Cv.— Sobre este problema, Amílcar Cabral diz: "Há duas maneiras de desterrar um povo: ou roubar a sua cultura, ou desterrá-lo mesmo". Aquilo é um roubo da cultura. Mandam um livro para Cabo Verde que é feito em Portugal. O aluno da quarta classe estuda a História de Portugal, a Beira Alta, o Minho e não sabe nada da sua terra. Aquilo é um roubo da cultura. Eu lembro-me, uma vez em St. Antão, numa escola, um aluno dizer: "De manhã, nós comemos cuxo-cuxo com café ou batata assada com café. Ora em Portugal, não se conhece cuxo-cuxo, e come-se pão. E um aluno da escola, quando lhe estavam a ensinar a palavra pão, não apodia soletrar e o professor disse-lhe: Olha, lembra-te do que tu comes todos os dias de manhã, e o aluno respondeu-lhe: cuxo-cuxo."

Aqui nós somos todos do P.A.I.G.C.

O Salto— Já que nós ouvimos falar no P.A.I.G.C., Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, gostaríamos de saber quais são os laços de união entre o povo da Guiné e o povo de Cabo Verde.

Cv.— Isso é histórico: Cabo Verde era um depósito de escravos. Quando os comerciantes vinham buscar escravos à Guiné, para serem vendidos noutros países, os barcos passavam por Cabo Verde e deixavam



Assembleia popular nas zonas libertadas

que o não sabem. Nós temos o problema de combater os colonialistas e ao mesmo tempo, fazer um trabalho que eles "se esqueceram" de fazer. Na luta, quando há um momento de folga, nós aproveitamos para dar escola nas tabancas e na rua. Nós esperamos, quando formos livres, fazer as coisas melhorar. De qualquer maneira, estamos a fazer alguma coisa. E a prática mostra-nos que o ensino não é tão terrível como os portugueses fizeram aos povos da Guiné e Cabo Verde.

Outra resposta— Esqueceste-te de dizer que o PAIGC já tem um livro, que é feito segundo uma base que admite as condições do próprio povo da Guiné. Como vocês sabem, o livro da primeira classe, dos fascistas, é feito para uma criança em Portugal e o livro é o mesmo para uma criança que estuda em Cabo Verde, Moçambique ou Angola. Vocês sabem que o principal método são as figuras; ora, quando eu estava na escola, eu via a figura de uma videira ou de uma pereira, e isso não existe em Cabo Verde. Hoje, o livro que é adoptado para o ensino das crianças na Guiné, traz um macaco, que não existe em Portugal e que lá é comum.

Agora o ensino não é abstracto. O indivíduo começa desde as primeiras letras a conhecer a sua terra, como cultivá-la, o que produz, os costumes, se há alguma coisa errada, como modificá-la; portanto, o ensino ligado ao objectivo a seguir: a promoção social.

lá os feridos ou aqueles que já não podiam mais, e inclusivamente, faziam lá um depósito. Vinham navios de outras partes e iam lá comprar escravos. A maior parte vinha da Guiné. Os portugueses dizem que quando descobriram Cabo Verde não havia população. Mas nós sabemos que havia, pelo menos na Praia, existiam já habitantes que já cultivavam.

Os portugueses mesmo, tinham até há poucos anos, um Governo só para a Guiné e Cabo Verde. Só agora, há pouco tempo, é que foi dividido. Os colonialistas portugueses reconhecem eles mesmos que Cabo Verde e a Guiné eram uma só colónia. À medida que a luta se intensifica, o governo português procura dividir-nos, para amanhã ver se consegue um conflito entre nós. Eu acho que isso não acontecerá, pois nós estamos bem unidos. Mas nós estamos preparados para isso, porque o nosso programa diz que nos juntamos para uma luta comum, mas amanhã, nós definiremos se continuamos um só país ou se nos transformamos em dois países com um só governo, mas isso definiremos nós, depois da independência.

Cv.— Nós sabemos que em Bissau houve indivíduos que saíram à rua e inspirados pelo Pinto Bull, gritando: fora caboverdianos!

Um Desertor— A diferença que existe entre os Caboverdianos e os Guineenses no PAIGC, sinceramente, não se pode explicar.

Nós perguntamos: Você é Caboverdiano, ou você é Guineense, e eles dizem: aqui nós somos todos do PAIGC.

Em Nome da Pátria a Exploração

Por certo o conceito de Pátria nem sempre foi o mesmo. Tem variado consoante a evolução do Homem, mais propriamente, conforme a classe dominante. O que me interessa agora é o conceito de Pátria tal como hoje nos é apresentado. O que é na realidade essa Pátria "de heróis e santos" que nos ensinam na escola? Existe ou é uma mera ideologia ao serviço dos exploradores? Longe vai o tempo em que mentalidade do Homem o levava a crer em certos dogmas, hoje desmascarados e tidos como gravíssimos erros. Assim, Portugal é um exemplo perfeito do que acabo de afirmar. Desde a fundação do Condado Portucalense até à expansão dum império nos cinco continentes, os exploradores com a divisa "Pela Pátria e Pela Cristandade", cometeram selvejarias e cobriram-nas com o verniz do heroísmo. Não é verdade que ao chegarem a Cantão o Imperador os expulsou, alcinhando-os de vadios e ladrões? Hoje sabemos que toda a epopeia marítima portuguesa como único fim o monopólio das especiarias do Oriente e o proveito em dominar os povos da África e da Ásia e não o de os civilizar. Quando alguns povos africanos, até aí sob o jugo colonial, conquistaram a independência, o governo português foi forçado a trocar os nomes: as colónias baptizou-as de "Províncias Ultramarinas" e apregou que tudo aquilo era "o nosso corpo e o nosso sangue" também era a nossa Pátria. Então, voltamos ao mesmo — o que é a Pátria? Extensão de terreno onde se impuseram leis, se cortou pela raiz a liberdade, se aprendeu a considerar o vizinho do outro lado como inimigo?

Não sei o que dirão os dirigentes americanos aos jovens que enviam para o Vietname. E pela Pátria que eles vão? Ou para ditarem o capitalismo, caminho apregoadado virtuoso, pelos virtuosos

(Continua na pag.5)

MÁXIMO GORKI

(Continuação da pag.8)

reconhecimento nenhum por vocês e a vossa generosidade, penso que não passa de um malentendido.

Eu não sou nenhum martir nem o sofredor que vocês gostam de pintar; sou apenas um homem que trabalha com convicção na sua modesta tarefa e que encontra plena satisfação nesse trabalho. Se para isso tive de passar algum tempo na prisão, pois bem! Mas na vossa mentalidade, vocês devem desejar que eu seja preso mais vezes e que por lá fique o máximo de tempo possível. Mas quando protestam contra isso, a vossa maneira de proceder, desculpem-me, só me faz rir.

Isto porque somos inimigos, e inimigos de morte, tenho a certeza. O escritor honesto e sempre inimigo da actual sociedade e, com mais razão, inimigo dos que defendem o empréstimo com lucro e o espírito de domínio, estas bases fundamentais da sociedade de hoje.

Vocês dizem ainda: "Nós gostamos do Gorki e ele..."

Senhores. Digo-vos com sinceridade, o vosso amor de burgueses não é para mim senão uma profunda ofensa.

Espero que estas linhas determinem exactamente, e para sempre, as nossas relações."

E era assim que Gorki, autor de "A Mãe", "A Minha Infância", "Minha Universidade", "Os pequenos burgueses", "Vassa Geleznova" e "Os Vagabundos", empunhava a caneta como uma arma, para atacar a burguesia e defender o seu povo que lutava, nessa altura como hoje, para acabar definitivamente com a exploração na sua terra. Só homens que sigam a mesma via que Gorki poderão dizer, com honestidade, que produzem arte popular.

O Hospital Militar de Lisboa

Desde os anos 1500 (data em que os colonialistas invadiram as terras de África, escravizaram os povos africanos e os reprimiram, sempre que eles ousaram revoltar-se), já muitos milhares de soldados portugueses, sofreram as consequências dessa política de rapina. Como nós sabemos, muitos soldados têm morrido e muitos mais ainda têm sido feridos na porca missão de reprimir o movimento de libertação dos povos africanos. Aqueles soldados que podem ser curados em África, e que podem restabelecer-se depressa, os colonialistas curam-nos e enviam-nos combater logo em seguida; mas aqueles em que não têm esperanças de os curar depressa, ou aqueles que estão completamente inutilizados, os colonialistas enviam-nos para a Europa, e principalmente, para o Hospital Militar de Lisboa, ou para a Alemanha Federal. No Hospital Militar de Lisboa vêm-se as cenas mais chocantes que qualquer pessoa, que nunca viu, pode imaginar: Ali vemos uma jovem mulher chegar ao hospital, com um filhinho nos braços, à procura do seu marido (mostrando uma carta que tinha recebido do hospital). Uma enfermeira acompanha-a e diz-lhe: "Está ali o seu marido!"

A mulher senta-se mas o marido não a reconhece. Algum tempo depois, ela levanta a roupa do marido e viu que ele não tinha pernas e que o resto do corpo estava todo esburacado. Então ela desata a chorar, pega no filho e saíu pela porta fora.

Isto passou-se no Hospital da Estrela, na clínica.

No anexo do hospital da Estrela, em Campolide (antigo quartel transformado em hospital), vêm-se também, as cenas mais tristes que qualquer pode imaginar e vou relatar algumas.

Uma jovem mulher ia, nos dias de visita, ao hospital e levava o seu filhito, o qual ela sentava na cama, ao lado do marido. O rapaz estava cego dos dois olhos e sem nenhuma esperança de recuperar a vista.

Encontrei um amigo meu que havia 5 anos que não o via e perguntei-lhe o que estava fazendo; com uma bengala bateu na perna e eu compreendi que ele tinha uma perna de pau.

Vi um antigo companheiro de trabalho na capela do hospital, onde estavam três urnas, e perguntei-lhe o que estava ali fazendo. Ele respondeu-me, apontando com o dedo para uma das urnas: "É o meu filho". Ao mesmo tempo, muita gente chorava e ouvia-se: Ai o meu querido filho, o meu querido irmão, o meu querido neto, etc., é a última vez que o vejo!

Noutro lado ouvi um rapaz gritar: "Estive seis anos em combate, estou inutilizado! Eu sou soldado mas grito para quem quiser ouvir: A África é dos africanos!"

Aqueles que estão irremediavelmente perdidos, os colonialistas enviam-nos para sítios onde eles estão isolados da população para que esta não veja quais são os amargos frutos que colhe o povo português dessa abominável repressão dos povos que lutam simplesmente porque querem o que é deles.

O descontentamento entre os que estão inutilizados é grande, mas eles sentem-se impotentes e sem solidariedade: é como se a vida tivesse acabado para eles. Eles recebem miseráveis pensões, mesmo assim, os colonialistas regateiam os miseráveis escudos que lhes dão.

Vou-vos contar mais um caso observado no hospital de Campolide, no serviço 3.

Um rapaz estava inutilizado porque, em África, quando estava sentado com a arma encostada ao ombro, descuidou-se e a arma disparou, cortando-lhe irremediavelmente as linhas e os nervos e ficou com um braço paralizado.

Então, os fascistas, para não lhes pagarem nenhuma pensão, fizeram um processo contra ele dizendo que ele tentou suicidar-se!

CEIFANDO

CEIFANDO é uma nova secção do SALTO onde passarão aquelas notícias de Portugal, que merecem um pequeno golpe da nossa foice.

DESCULPAS DE MAU PAGADOR

No nº 2 do SALTO, referimo-nos num extenso artigo intitulado "Política de Saúde ou Política do Lucro?", ao "bonito" panorama do problema da saúde em Portugal.

Hoje voltamos ao assunto, que não nos parece estar ainda esgotado.

Segundo informações do "Diário de Lisboa", há no Hospital de D. Estefânia uma enfermeira para 40 doentes.

Ora isto é mais um facto que vem demonstrar que o governo fascista português não se interessa absolutamente nada com a saúde pública.

É claro que nas clínicas dos ricos há um médico para cada doente e até, se for preciso, mais.

Claro que o Director dos Hospitais escreveu logo uma carta ao jornal, a dizer que isso não era verdade, e que nesse hospital havia uma enfermeira para 4 pessoas, mas ... é natural que em casos excepcionais isso possa acontecer, escrevia ele.

Vê-se logo que isto são desculpas de mau pagador, como se costuma dizer, e atendendo a que os jornais portugueses não gostam muito de dizer o que se passa verdadeiramente, pode acontecer que a coisa seja ainda mais escandalosa.

O Director dos Hospitais tenta tapar o buraco com bonitas palavras mas num país onde a maior parte do orçamento do Estado vai para a guerra colonial e para apoiar os interesses dos grandes capitalistas, uma pessoa está sujeita a cair numa cama de um hospital e não ter ninguém para cuidar dela.

Este director e outros que tal não são médicos nem gente, são veterinários que tentam colaborar na roubalheira que é a política de saúde.

P.S. Para dados concretos sobre a Saúde Pública, consultar o nº 2 do SALTO, no artigo "Política de Saúde ou Política de Lucro?"

O Salto está à venda nos quiosques

De outra vez, um rapaz do Porto, que estava no serviço 3, que tinha vindo de África ferido no ombro também, foi reenviado para África antes de estar curado sómente porque o director do hospital (o brigadeiro Horta) o encontrou a atirar uma almofada a um companheiro.

As cenas mais incríveis se vêm nesse hospital-prisão, donde os doentes mais inutilizados não podem sair, para não mostrarem ao povo os resultados da guerra.

O povo português tem tudo a perder e nada a ganhar com a repressão dos povos africanos.

O povo português e africano são vítimas dos mesmos agressores: os colonialistas, os neo-colonialistas e os imperialistas!



Quinta da Alegria !

LIMPEZA

O Boletim Municipal da Câmara de Almada dizia que está quase concluído um inquérito aos moradores das barracas na Quinta da Alegria, Quinta de S. Luís, Cárregueiros de Baixo e no Pátio nº 26 à Rua do Armeiro-Mor na Cova da Piedade.

Como parece as autoridades estão dispostas a acabar com as enxovias onde vivem muitos e muitos dos trabalhadores da margem sul do Tejo.

Mas nós perguntamos: que irá fazer a Câmara, o Governo? Irão eles dar casas com o mínimo de condições de higiene onde possam viver todas essas famílias operárias? Parece-nos bem que não. Temos a impressão que as autoridades fascistas não estão nem nunca estiveram interessados com os

problemas dos nossos camaradas que vivem nessas barracas. O que eles vão é construir novas barracas, de cimento ou pré-fabricado onde as muitas famílias serão obrigadas a viver como sardinha em lata. E algumas dessas famílias nem nunca arranjarão lugar nas novas barracas, por que essa coisa do inquérito não é mais que um passatempo das ou dos assistentes sociais, para ficarem depois arrumados na gaveta.

Talvez essas tais autoridades tenham pensado nisso para acabar com o mau aspecto das barracas não fossem os burgueses lá passarem e dizerem: "Ai que porcaria, que cheirete". Mas nós sabemos o que é isso da boa-vontade dos fascistas.

passateia

Um grupo de deputados alemães visitou o nosso país. Viajaram muito, segundo afirma o jornal "A Capital" de 19/3/71.

Foram ao Porto, visitaram diversas fábricas em Avintes, S. João da Madeira e arredores de Aveiro. Comeram e beberam do bom e do melhor, sendo dois dos banquetes, um oferecido pelo director-geral do Turismo e outro pela Câmara de Comércio Luso-Alemã.

Diz um provérbio português muito conhecido que: "Pelo andar da carruagem vê-se logo quem lá vai dentro". E estes, pelos passeios que deram, vê-se logo o que foram fazer a Portugal.

As visitas às fábricas foi para ver se conseguem comprar mais algumas ou investir ainda mais nas que já têm, pois estes deputados, ou melhor, estes exploradores sabem muito bem que os negócios em Portugal dão muito, pois os operários são mal pagos em comparação com a Alemanha e ainda por cima há o governo que tem leis para proteger esta roubalheira dos patrões e capitalistas nacionais e estrangeiros. O banquete lá do palhaço do Turismo foi mais uma engraxadela dos nossos capitalistas para ver se os alemães compram mais hotéis e outras coisas nas zonas das praias. Enfim, para os ocupantes desta carruagem e para os seus colegas portugueses só há que dizer: desapareçam!

Primavera bancária

Com a chegada das andorinhas muitas assembleias gerais dos bancos tiveram lugar.

Os jornais portugueses, a maior parte deles dos bancos, tinham páginas e páginas cheias de relatórios da roubalheira, a que eles chamam relatório e contas, e muitas discursatas de homens "importantes".

Entre estes montes de palavras inúteis, descobrimos umas frases do presidente do Conselho de administração do Banco Português do Atlântico que dizem:

"Na realidade, conscientes desde sempre que a industrialização do País é um factor indispensável à formação de riqueza para todos"...

Todos, quem? O povo português?

Não, senhor João Meireles. O sr. bem sabe para onde vai a riqueza. O sr. bem sabe que os seus lucros e de toda essa canalha de patrões e administradores, etc., vêm da exploração que vocês fazem aos trabalhadores portugueses e das colónias em colaboração com o capital estrangeiro.

Os vossos relatórios e discursatas não nos enganam e muito menos essa anedota de que a indústria traz riqueza para todos.

Esteja descansado sr. Meireles, os operários dessas fabricas não se esquecerão de si...

UM TAL MARTINEZ

Muita coisa se conta sobre o mundo fascinante dos negócios e da alta sociedade, paraíso das "pessoas ilustres", das boas famílias, enfim, dos vigaristas.

Mas contemos uma história que se passou:

Era uma vez na Faculdade de Direito um professor chamado Martinez. Esse senhor, além de professor era proprietário e tinha sido também, durante alguns meses, ministro da saúde no gover-

no de Salazar (que a terra o guarde bem enterrado). Enquanto foi ministro tomou duas grandes medidas: um crucifixo em cima de todas as camas dos hospitais, sandálias para o pessoal dos hospitais. "Esqueceu-se" de todos os outros problemas, tais como a falta de médicos para atender os doentes, a desorganização nos hospitais que obriga as pessoas a estarem em bichas durante mui-

(Continua na pag.5)



Máximo Gorki

Esta secção que "O Salto" acaba de criar destina-se a tornar conhecida a cultura popular aos trabalhadores portugueses emigrados. Quer publicando textos de autores portugueses e estrangeiros que defenderam com a sua obra os interesses do povo trabalhador quer criticando e anunciando os espectáculos onde essas obras serão apresentadas. Todos sabemos, como acima dissemos, que nas obras culturais, como em tudo, se pode defender duas espécies de interesses: os daqueles que trabalham e os daqueles que se limitam a ser os parasitas da sociedade apenas porque têm a força pelo seu lado. De entre os homens que dedicaram a sua vida a tornarem conhecidos os problemas do seu povo por meio dos livros e das peças que escreveram e ajudaram na realidade o povo a encontrar uma maneira de viver sem fome e opressão foi Gorki um dos que mais se distinguiu. Apresentamos neste número alguns textos que falam por si sos. Assim procuraremos a pouco e pouco definir quais são os escritores, dramaturgos, cineastas, etc. que defendem os trabalhadores e separá-los dos outros que passam a vida a bajular aqueles que lhes podem dar uma vida de preguiça e prazeres nem que para isso tenham de renegar o camponês que criou as couves que ele come ao almoço ou o operário que fabricou o carro que ele utiliza para "ir passar férias ao estrangeiro".

Vamos pois falar de Máximo Gorki, que nasceu no dia 14 de Março de 1868 em Nijni-Novgorod, numa das margens do rio Volga, na Rússia.

A minha infância

Contrariamente à grande maioria de escritores seus contemporâneos, Gorki não descendeu de famílias abastadas. Quanto a estudos, fez a instrução primária e ficou por aí, pois era necessário ganhar duramente a vida, numa época em que o povo do seu país estava submetido à ditadura dos czares.

É o próprio Gorki quem nos descreve a sua infância, ao longo de um livro, "A Minha Infância", de que damos uma pequena passagem:

"Eu também começava a ganhar a vida. De manhã cedo, aos domingos e aos feriados, munido de um sacco, percorria os becos e ruas, juntando ossos de boi, trapos, pregos e papel. Os ferros-velhos pagavam 20 kopeks a libra de trapos ou de papel, o mesmo preço por uma libra de ferralha e 8 ou 10 kopeks a libra de osso. Este trabalho ocupava-me também durante a semana, depois da escola, e todos os sábados, chegava a vender toda a espécie de mercadorias por trinta ou mesmo 50 kopeks; com um pouco de sorte chegava por vezes a apurar mais. A avó pegava no dinheiro, metia-o apressadamente no bolso do avental e fazia o meu elogio, de olhos baixos:

— Muito bem, meu filho, abençoado sejas! Tu e eu teremos sempre que comer! Não precisamos de grande coisa!

Um dia, espiando-a, vi-a olhar para as minhas moedas de cobre, espalhadas na palma da sua mão, e chorar silenciosamente. Uma lagrima tremia presa à ponta do seu nariz, grosso e poroso como uma pedra-pomes."

Foi deste género a infância de Gorki. Ele viveu-a inteiramente entre o povo oprimido da sua terra e é por isso que guardou dele uma compreensão e uma maneira de

CULTURA POPULAR

MÁXIMO GORKI

julgar as injustiças sociais que lhe permitiram tomar posição, mais tarde, ao lado do povo russo na sua luta contra os czares e os capitalistas. A prova-lo, uma parte da carta que Gorki escreveu em resposta aos ataques dos "intelectuais" burgueses de França:

"Acabo de tomar conhecimento das ondas de eloquência que fez brotar dos vossos tinteiros o meu artigo sobre os empréstimos (Gorki tinha atacado os empréstimos, acordados pelos banqueiros franceses à Rússia dos czares e que ajudaram estes na luta contra os trabalhadores)... e acho que não devo felicitar-vos.

A vossa aliança com o dito, governo russo, começa, desde já, a dar os seus frutos.

Vocês dizem: 'Nós tomámos a de-

fesa de Gorki, quando ele foi preso, e ele...'

Permitam-me que vos dê um conselho: se por precipitação ou por outra causa qualquer, vocês deram uma vez livre curso aos vossos sentimentos de humanidade, muito bem! Mas não se gabem! Que não é bonito...

'Eu fui bom para ti, tu deves-me pagar com gratidão', eis o que traduzem as vossas palavras. Mas, meus senhores, eu não sinto

(Continua na pag.6)

a união faz a força

Um trabalhador foi despedido
Por injustiça patronal
Os camaradas num bloco unido
Fizeram greve geral

A greve teve continuação
e uma vitória foi alcançada
Que obrigou o patrão
A reintegrar o camarada

São estas as decisões
Que sempre devemos emprender
Para derrotar os patrões
E a nossa causa vencer

Esta é uma força invencível
Que se chama união
E nunca será possível
Derrotá-la algum patrão

Zé Dogeito



Escultura dum artista popular albanês

OS CAMARADAS DA HOLANDA EM PARIS

"Viva a União dos Trabalhadores"

Estas eram as palavras escritas por cima do palco do Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris, no fim de semana, (no dia 27 e 28 de Março).

Neste fim de semana, o Clube acolheu a Associação Resistência e Trabalho de Amesterdão.

Sábado à noite, disputou-se um torneio de Ping-Pong, entre a Associação Resistência e Trabalho, o C.J.T.P. e o Centro Português de Iniciação Cultural, tendo sido vencedor este último.

No domingo de manhã, dia 28, com o objectivo de reforçar a União dos Trabalhadores Emigrados, tiveram lugar estes dois encontros de futebol:

Novas Águias de Sarcelles - 3
Encontro Português de Puteaux - 3
1º de Maio - 2
Portugueses de Gentilly - 6

O importante nestes jogos, não foi o resultado, mas sim o esforço feito para combater a tendência para ver no adversário um inimigo, mas sim para desenvolver os laços de solidariedade entre todas as Associações de Trabalhadores.

Resultados positivos já apareceram neste campo, embora não seja fácil combater o espírito de competição de ganha ou mata, criado por aqueles que fizeram do desporto uma mercadoria. Para culminar esta jornada de solidariedade no C.J.T.P. em Ivry, houve uma festa onde actuaram o rancho folclórico "Aldeias de Portugal" e o cantor Carriço. Foi apresentada, pela Associação R.e.T.

da Holanda, a peça: "Este gajo é da..."

Esta peça conta-nos a história de dois trabalhadores que, frente à Guerra Colonial, tomam posições diferentes: um toma a posição justa ou seja, deserta; o outro vai fazer a guerra colonial e morre.

No fim, após o julgamento popular, os causadores da guerra — a burguesia portuguesa —, ali representada pelo exército e a P.I.D.E., são condenados à morte e fuzilados.

Esta peça mostrou-nos o bom trabalho que estão a fazer os camaradas da Holanda.

No fim da peça, tomaram a palavra, os representantes da Associação Resistência e Trabalho, os Portugueses de Gentilly, o Clube dos Trabalhadores Portugueses de Sarcelles (em formação) e o Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris, que salientaram a necessidade da União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados.

Por fim, em Nome do Centro Português de Iniciação Cultural, uma jovem apelou para a participação das mulheres no trabalho de Associação, da mesma forma que os homens.

Estas duas jornadas foram mais um passo para a nossa união: A União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados.

Foi pena haver alguns erros organizativos que perturbaram esta jornada, mas estamos seguros que os organizadores conseguirão evitá-los no futuro.

José Rocha

FESTA EM NANTES

A secção do nosso jornal em Nantes organiza, no dia 30 de Maio, uma festa na sala C.F.D.T. - Rue Bel Air - Nantes, pelas 15h 30m. Nesta festa será apresentada, pela 1ª vez, a peça "O Emigrante" pelo C.J.T.P. de Paris.

Excursão

Aproveitando a ida a Nantes para a actuação na festa, O Salto organiza, a partir de Paris, nos dias 29, 30 e 31 de Maio, uma excursão a Nantes.

Todas as pessoas interessadas em saber mais promenores desta excursão escrevam para O Salto, B.P. 95, Paris 11, ou dirijam-se ao Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris, em Ivry.

CONHECE os clubes de trabalhadores

Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris

Em Ivry

25, Rue Cristophe Colomb
Metro Pierre Curie e Mairie d'Ivry

Teatro : 3ª e 5ª feiras.
Música : 3ª, 5ª e Sábados.
Folclore : 3ª, 5ª e Sábados.
Lições de Francês : 3ª, 6ª e Sábados.

A partir das 20h 30m

Festas e convívio todos os Domingos, a partir das 15h.

Centro Português de Iniciação Cultural

65, Rue Corvisar, Paris 13
Metro Corvisart ou Place d'Italie

Escola de Francês : 2ª, 4ª e 6ª feiras a partir das 20h 30m.

Convívio todos os Domingos, a partir das 15h.

Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris

59, Rue de La Fontaine-au-Roi, Paris 11.
Metro République ou Goncourt

Clube dos Trabalhadores Portugueses de Brie

4, Boulevard des Fossés

Todas as pessoas da região, interessadas em praticar futebol, teatro e música, entrem em contacto com o clube.

SARCELLES

Clube dos Trabalhadores Portugueses de Sarcelles

(em formação)

Cursos de Francês em casa do Baltazar.

Chambre 13, Ebergue Guerra-Tarcy. Av. Marie-Blanche.

CHATENAY MALABRY

Clube dos Trabalhadores Portugueses de Chatenay Malabry

(em formação)

Centro de alfabetização em frente do Foyer da Citroen.
35, Rue Jean Longuet

Cursos de Francês às 2ª, 3ª e 5ª feiras às 19h e 30m.

HOLANDA

Associação Resistência e Trabalho

Brink 1 A - Amsterdam

Cursos de Holandês às 3ª e 5ª feiras às 20h.

Secção social às 3ª, 6ª e sábados às 20h.

Em todos estes clubes os trabalhadores podem comprar e assinar o nosso jornal.